



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO MARAJÓ- BREVES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA– PARFOR

FERNANDA DE NAZARÉ PEREIRA DE FREITAS

EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: um estudo de caso sobre o currículo e práticas educativas na E.M.E.F. Remanescentes de Quilombo São José da Povoação.

FERNANDA DE NAZARÉ PEREIRA DE FREITAS

EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: um estudo de caso sobre o currículo e práticas educativas na E.M.E.F. Remanescentes de Quilombo São José da Povoação

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó-Breves, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa Dr^a. Sônia Maria Pereira do Amaral

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

F862e Freitas, Fernanda de Nazaré Pereira de.
Educação escolar quilombola : um estudo de caso sobre o currículo e práticas educativas na E.M.E.F. Remanescentes de Quilombo São José da Povoação / Fernanda de Nazaré Pereira de Freitas. — 2021.
54 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Sônia Maria Pereira do Amaral
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Breves, Faculdade de Educação, Breves, 2021.

1. Educação . 2. Currículo . 3. Quilombo. 4. Práticas educacionais. I. Título.

CDD 372.21071

FERNANDA DE NAZARÉ PEREIRA DE FREITAS

EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: um estudo de caso sobre o currículo e práticas educativas na E.M.E.F. Remanescentes de Quilombo São José da Povoação

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó-Breves, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa Dr^a. Sônia Maria Pereira do Amaral

Data de aprovação: 18/01/2021

Conceito: Excelente

Banca Examinadora

Orientadora: Profa. Dr^a Sônia Maria Pereira do Amaral
UFPA – Campus Universitário do Marajó - Breves

Prof. Me. Enil do Socorro de Souza Pureza
UFPA – Campus Universitário do Marajó – Breves

Dedico este trabalho à memória póstuma de meu pai, Eronildes Rodrigues de Freitas, à minha mãe, Maria de Nazaré Pereira de Freitas que me proporcionaram uma educação de valorização da vida, sempre me encorajaram a prosseguir em meus estudos, para que por meio deles eu construa um futuro promissor.

Aos meus irmãos: Patrícia de Freitas Borges, João de Castro Freitas Neto, Ida Nathalia Pereira de Freitas e Romano Assis Pereira de Freitas, que sempre me incentivaram e me apoiaram.

Ao meu esposo Renato da Costa Freitas, que esteve ao meu lado, dando suporte a família enquanto estive ausente, esteve sempre ao meu lado nos momentos em que pensava que ia fraquejar.

Em especial aos meus filhos, João Pedro de Freitas Bastos, Renata do Socorro de Freitas e Freitas e Eloise Gabriela de Freitas e Freitas, a quem dedico todo sacrifício, amor eterno e me motivam a continuar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela força de poder batalhar e conseguir galgar mais um degrau na minha vida profissional e pela conquista de um sonho que agora se transforma em realidade.

Agradecerei eternamente ao meu esposo que me motivou a correr atrás dos meus sonhos, me dando total apoio, me incentivando em todos os momentos a prosseguir, a olhar para frente e ir à luta. Agradeço imensamente a confiança em mim depositada e a paciência, compreensão e carinho que se fizeram presentes diuturnamente. Como ele mesmo sempre diz: “no final tudo dá certo”.

Agradeço à minha família, minha mãe, irmãos e meus filhos por compreenderem a minha ausência em alguns momentos em que precisaram da minha presença e não pude estar próxima pela dedicação à pesquisa.

Agradeço aos meus familiares residentes em Breves, que me acolheram e preencheram a lacuna enquanto estava ausente da minha família, com ênfase na família do Tio “Tota” e Tia “Minga”, que junto com seus filhos Diego & Karema, Laila, Bruna e Tayse, me receberam em sua casa com todo amor, carinho e cuidados, a qual tenho uma imensa gratidão.

Agradeço aos professores, que contribuíram para ampliar meus conhecimentos e aprimorar meu desempenho profissional. Aprendi com todos vocês, cada um com seu jeito de ensinar e desenvolver as aprendizagens.

Agradeço a todos os meus colegas, pelo companheirismo, pela cumplicidade e pelos momentos de alegria, de tristeza, de angústia, compartilhados no decorrer do curso. Espero que não deixemos que o tempo apague os momentos que dividimos uns com os outros e que a amizade dure pelo resto das nossas vidas.

A minha orientadora professora Sônia Amaral, a quem tenho como espelho de superação, que sempre me mostrou em suas ações e conquistas, que a educação é libertadora e nos desperta a viver plenamente os nossos sonhos, nunca deixando de lado suas raízes maternas. Te agradeço pelos momentos de dedicação e paciência, por compreender os momentos de angústia, de medo e principalmente pela força, compreensão e apoio nos momentos de desânimo, quando nem eu mesma acreditava em mim.

A única arma para melhorar o planeta é a Educação com ética. Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da pele, por sua origem, ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.

NELSON MANDELA (1987)

RESUMO

Sabe-se que o povo negro no Brasil teve uma contribuição de extrema relevância para o desenvolvimento do país, e, portanto, deve ter os seus méritos reconhecidos. A educação tem um papel fundamental para divulgar as culturas que estão sendo esquecidas ao longo da história do país, inclusive das comunidades remanescentes de quilombo. Diante desse contexto de conhecimento de quem são e como vivem os remanescentes de quilombo, projetou-se o olhar investigativo à escola Remanescente de Quilombo São José da Povoação, que está situada na localidade na qual existem descendentes de escravos. O objetivo deste trabalho foi conhecer como se produz e se trabalha o currículo da escola e como as práticas educativas são aplicadas em prol da valorização das identidades do povo Quilombola ali residentes. Os principais documentos estudados foram as Leis de Diretrizes Curriculares para educação escolar quilombola, Guia de políticas públicas para comunidades quilombolas, (Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola municipal de Ensino Fundamental Remanescentes de Quilombo São José da Povoação), bem como a Lei 10.639/03, que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. Antes de entrar buscamos trilhar uma trajetória em torno da escola e exploramos vários elementos importantes que compõem a conjuntura da comunidade, assim abordamos a religiosidade e as mulheres como um elemento de luta e de resistência. Posteriormente adentramos na escola e suas especificidades. Para isso chamamos para o debate vários estudiosos que contribuíram para enriquecer e aprofundar com suas teorias, as problemáticas aqui abordadas; (MUNANGA, 2005) que aborda temas como o racismo, identidade, diversidade, etnicidade e cidadania; (ARROYO, 2012), que defende uma educação integral e valorização da cultura, (OLIVEIRA, 2017), defende o ser quilombola e as práticas curriculares e a educação do campo, (SANTANA, 2019), que traz vozes insurgentes de mulheres negras, para o debate e as questões em torno da mulheres e seu empoderamento diante da sociedade machista, entre outras contribuições as quais foram essenciais para qualificar a pesquisa. Os resultados indicam que com o passar dos anos muito já se perdeu na cultura, costumes, modo de vida, organização do trabalho praticado pelos mais antigos, porém há muito o que se fazer, pois esta pesquisa além de contribuir para uma análise da real conjuntura da situação de como se encontra a escola da Comunidade Remanescentes de escravos quilombola São José da Povoação, abre possibilidades de repensar práticas pedagógicas que venham resgatar, ou mesmo fortalecer as tradições e o modo de vida de um povo com uma ampla riqueza cultural

Palavras-chave: Educação. Remanescente. Quilombo. Currículo

ABSTRACT

It is known that black people in Brazil have made an extremely important contribution to the country's development, and therefore their merits should be recognized. Education plays a fundamental role in disseminating cultures that have been forgotten throughout the country's history, including those of the remaining quilombo communities. Given this context of knowledge of who the remaining quilombo communities are and how they live, an investigative look was taken at the São José da Povoação Quilombo Remnant School, which is located in a place where there are descendants of slaves. The objective of this work was to learn how the school's curriculum is produced and worked on and how educational practices are applied in favor of valuing the identities of the Quilombola people living there. The main documents studied were the Laws of Curricular Guidelines for Quilombola School Education, the Public Policy Guide for Quilombola Communities, (Political Pedagogical Project (PPP) of the Municipal Elementary School Remains of Quilombo São José da Povoação), as well as Law 10.639/03, which deals with the teaching of Afro-Brazilian and African history and culture, and highlights the importance of black culture in the formation of Brazilian society. Before entering, we sought to trace a trajectory around the school and explored several important elements that make up the context of the community, thus addressing religiosity and women as an element of struggle and resistance. Later, we delved into the school and its specificities. For this, we invited several scholars to the debate who contributed to enriching and deepening the problems addressed here with their theories; (MUNANGA, 2005) which addresses themes such as racism, identity, diversity, ethnicity and citizenship; (ARROYO, 2012), which advocates comprehensive education and the appreciation of culture, (OLIVEIRA, 2017), defends the quilombola being and curricular practices and rural education, (SANTANA, 2019), which brings insurgent voices of black women to the debate and issues surrounding women and their empowerment in the face of a sexist society, among other contributions that were essential to qualify the research. The results indicate that over the years much has been lost in the culture, customs, way of life, and organization of work practiced by the oldest, but there is much to be done, because this research, in addition to contributing to an analysis of the real situation of the school of the São José da Povoação Quilombola Slave Remnants Community, opens up possibilities for rethinking pedagogical practices that may rescue, or even strengthen, the traditions and way of life of a people with a broad cultural wealth.

Keywords: Education. Remnant. Quilombo. Curriculum

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 -	Casa de fabricação de farinha de Dona Joana.....	18
Figura 2 -	Crianças quilombolas assistindo TV na casa da avó Joana.....	21
Figura 3 -	Igreja centenária da comunidade.....	28
Figura 4 -	Casa de fabricação de farinha da Dona Joana.....	31
Figura 5 -	EMEIF Remanescente do quilombo São José da Povoação.....	32

LISTA DE SIGLAS

AEE- Atendimento Educacional Especializado

CONAE - Conferência Nacional de Educação EJA- Educação de Jovens e Adultos.

FNDE- Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

OGU- Orçamento Geral da União.

PNHR- Programa Nacional de Habitação Rural.

SEMED- Secretaria Municipal de Educação.

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso.

UFPA- Universidade Federal do Pará.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	CONHECENDO A COMUNIDADE SÃO JOSÉ DA POVOAÇÃO E A SUA ESCOLA.....	17
2.1	As mulheres da comunidade.....	23
2.2	A religiosidade e suas manifestações.....	27
3	A ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL “REMANESCENTES DE QUILOMBO SÃO JOSÉ DA POVOAÇÃO” ...	32
3.1	Dialogando com o gestor.....	34
3.2	Os professores como sujeitos da pesquisa.....	38
3.3	O aluno como sujeito no processo de ensino aprendizagem dentro da cultura quilombola.....	43
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
	REFERÊNCIAS.....	53

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que o povo negro no Brasil teve uma contribuição de extrema relevância para o desenvolvimento do país, portanto, deve ser reconhecido como tal. Falar sobre a contribuição do negro para a formação da sociedade brasileira é falar daqueles que plantaram, construíram casarões, igrejas, fortes e cidades inteiras num mundo feito para brancos que os viam apenas como objetos, ferramentas sem nome, sem memória, sem história e sem mérito algum.

Diante das inúmeras contribuições do povo negro nesta sociedade e do contraditório que ainda se tem presenciado por meio do racismo, preconceitos e exclusões presentes em nossa sociedade, precisamos investigar e conhecer outros contextos. Foi esta inquietação que na condição de acadêmica do curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, me fez construir o projeto de pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, que buscou realizar um estudo de caso sobre o currículo da escola Remanescente de Quilombo São José da Povoação, localizada no rio Mutuacá, município de Curalinho, Pará, com o propósito de conhecer como as práticas educativas que são aplicadas em prol da valorização das identidades do povo Quilombola.

É inadmissível pensar que as pessoas negras não deixaram de ser, na sociedade contemporânea, resultado de um rótulo que conduz a aceitação de um imaginário de mitos e equívocos que associam os afrodescendentes a uma vida retrógrada, trágica, subalterna, submissa, e inadequada ao mundo moderno, sem considerar a influencia desse povo na cultura, na religião, na miscigenação e na própria identidade do país.

Esse equívoco desencadeia um problema que vem sendo combatido por movimentos-negros, o racismo, explícito ou de forma camuflada por meio de olhares e das “brincadeiras”, com tons que não deixam de ser pejorativos. Nesse sentido o professor de Antropologia da Universidade de São Paulo Kabengele Munanga. Defensor do sistema de cotas para negros nas universidades descreve bem esse equívoco em uma entrevista dada à revista eletrônica Carta Capital dizendo:

Como todas as ideologias, o racismo se mantém porque as próprias vítimas aceitam. Elas o aceitam por meio da educação. É por isso que em todas as sociedades humanas a educação é monopólio do Estado. Falo da educação em sentido amplo, ou seja, aquela que começa no lar. A socialização começa na família. É assim que, enquanto ideologia, o racismo

se mantém e reproduz. A educação colabora para a perpetuação do racismo (MUNANGA, 2012, p.03).

Contudo se faz necessário, consciência de que o negro africano trazido para o Brasil no período colonial, não foi um povo sem memória, sem identidade, sem religião, ao contrário, mesmo sendo escravizados, identificamos a identidade desse povo, nos costumes das comunidades, nas manifestações religiosas, nas celebrações, na medicina da terra, no trato com as ervas, nas comidas, nas danças, nas narrativas e nos contos, dentre outros.

Uma raça – no sentido histórico-cultural, que se mantém viva nos nossos cotidianos, mas que é pouco valorizada, mesmo por pessoas negras, que por defesa do racismo, ou por não conhecer sua própria história, não a valorizam.

A contribuição do negro para a formação do caráter da nossa gente foi enorme. Por ela fizemos a religião mais intimista, mais enfeitada, mais festeira, o seu caráter menos áspero. Por ela adquirimos uma dose mais elevada de emotividade e de superstição. Por ela nos fizemos mais sensuais e pegajosos. Adquirimos muito do africano e ele adquiriu muito de nós. Na mistura que se processou o tempo todo, a oferta do escravo foi profunda, e se integrou na alma brasileira (SODRÉ, 1998: 67).

Mais especificamente na Amazônia, Almeida (2003) retrata que o negro foi trazido para tornar-se mão de obra escrava, após décadas de escravidão de povos indígenas, os primeiros alvos usados pelos europeus para garantir mão-de-obra para seus engenhos e fazendas. Porém estes povos não aceitaram passivamente a escravidão, mediante essa resistência muitos acabaram falecendo, fugindo e até mesmo morrendo por conta de revolta e revoluções contra a escravidão, tornando-se assim, escassa a mão-de-obra para manutenção do trabalho.

Segundo Almeida (2003) “No Pará a vivência do negro foi marcada por uma trajetória de trabalho forçado e repressão tanto física quanto ideológica, diante dessa situação vale ressaltar que, assim como os indígenas, os negros nunca aceitaram pacificamente a escravidão”, os mesmos resistiam de várias formas: por meio de fugas em massa; assassinato de feitores e Senhores; revoluções e cantos a noite nas senzalas.

Os escravos Negros africanos fugiam em busca de liberdade para as matas formando grupos chamados quilombos, na tentativa de viver sua liberdade.

Quando os escravos fugiam, geralmente, formavam no meio das matas, núcleos populacionais chamados de quilombos, nesses locais eles resistiam à escravidão e defendiam a sua liberdade. Além disso, também, tentavam reconstruir as várias versões de uma vida comum; faziam festas, plantavam roças, pescavam, caçavam e praticavam transações comerciais. “Tentavam estabelecer nos quilombos espaços políticos, econômicos, sociais e culturais” (PINTO, 2004: 278).

Podemos, então, desmistificar a ideia de que os escravos assumiam esta condição pacificamente e se acomodaram por décadas a vida de escravidão, temos muitos exemplos de comunidades quilombolas que ainda lutam por uma vida digna e por valorização das suas raízes, como por exemplo, ainda no Pará, à margens do Rio Mutuacá no município de Currealinho, Arquipélago do Marajó, está situado uma dessas comunidades, denominada São José da Povoação, ali permanecem vestígios de um antigo quilombo.

Segundo relatos do senhor José (85 anos), tataraneto de escravos, descendente dos primeiros negros africanos trazidos pra trabalhar na antiga fazenda e engenho em regime de escravidão, morador antigo da referida comunidade, ondel nasceu, cresceu e estabeleceu família, afirma que esta comunidade não se originou de escravos fugitivos, mas de negros africanos escravizados para trabalhar no engenho do Senhor Rezende, um dos fundadores da sede do município de Currealinho, e que foram deixados na região após anos de escravidão.

Diante desse contexto, surgiu o interesse em apresentar esta proposta de pesquisa que surgiu a partir do primeiro contato que tive como pesquisadora na atividade curricular Estágio Supervisionado, do Curso de licenciatura em Pedagogia do Campus de Breves, no qual pude vislumbrar uma comunidade com uma ampla riqueza cultural e uma história visualizada em cada espaço daquele local. Percebi que aquele povo guarda consigo muitas memórias, algumas muito vivas e outras manchadas pelo tempo, mas se motivadas, certamente terão muito a contar.

A pesquisa teve como base os poucos documentos escritos que ainda há sobre essa comunidade, por isso trabalhamos com relatos de moradores da comunidade, pois tratando-se de memórias da identidade dos povos quilombolas, uma forma de conhecer a história desse povo. No trabalho preliminar, não encontramos estudos que busquem compreender como acontece a relação educação, currículo e vivencia desse povo, considerando suas culturas, mas utilizando esse termo, CULTURA, no sentido de como eles significam os seus mundos; cultura enquanto contexto. E nesse conjunto, educação tem um papel

fundamental para divulgar as culturas que estão sendo esquecidas ao longo da história do país, inclusive das comunidades remanescentes de quilombo. Elas são a presença e a memória viva desse processo de deslocamento dos negros africanos para o nosso país. Sendo um espaço privilegiado para conhecer e vivenciar a história e cultura afro-brasileira.

Diante desse contexto de conhecimento de quem são e como vivem os remanescentes de quilombo, foi que projetei o olhar investigativo à escola Remanescente de Quilombo São José da Povoação, que está situada na localidade na qual existem descendentes de escravos. A escolha da escola se deu pelo fato de ser a única unidade de ensino no Município de Curralinho, com o reconhecimento do MEC, como uma escola Quilombola.

Em se tratando de uma escola remanescente de quilombo, trouxe para o debate questões que envolvem a educação quilombola, a importância de elaborar um currículo que preze pela práxis, uma vez que os saberes deste povo provocam uma reflexão sobre a riqueza de conhecimentos que, de maneira criativa, se manifesta com características não só tipicamente amazônicas, mas também com raízes africanas, as quais podemos descrever em seu perfil como aquele que tem uma especificidade de morar, trabalhar e conviver na inter-relação com os rios, igapós, igarapés, a terra, matas e florestas. Sujeito envolto à natureza, sem deixar de lado a cultura de raiz do povo negro africano, dos quais deu origem aos povos quilombolas.

Por estar envolta ao campo educacional e minha formação primar por pesquisas que cheguem aos mais diversos espaços educativos, me despertou a curiosidade em pesquisar o currículo e as práticas educacionais da escola ali inserida, entretanto, não se faz pesquisa sem reflexão e a esse respeito faz mister pensar a realidade da escola quilombola do Brasil e neste estudo levei alguns questionamentos para a escola *lócus* da pesquisa: O currículo e as práticas pedagógicas da escola Remanescente de Quilombo São José da povoação. Dentro desta ótica fez-se necessário indagar: Quem são os alunos e de onde eles vêm? Como eles chegam até a escola? Os professores são oriundos da própria comunidade? Como é construído o currículo da escola?

Para responder a problemática temos como sujeitos da pesquisa: o diretor escolar, orientadora pedagógica, professores, alunos, membros antigos da comunidade. Os estudos foram direcionados a partir do objetivo geral, que foi

analisar se o currículo e as práticas pedagógicas da escola Remanescentes do Quilombo São José da Povoação, fazem articulação com a realidade sociocultural da comunidade quilombola à qual está inserida. Específicos: Identificar no currículo e nas práticas pedagógicas aspectos voltados ao conhecimento da realidade sociocultural dos alunos; Caracterizar as estratégias utilizadas nas práticas pedagógicas que valorizam a realidade sociocultural dos educandos; Reconhecer que diretrizes seguem os professores na produção do currículo e de suas práticas; Identificar se os alunos se auto reconhecem como descendentes de quilombo.

Para alcançar a meta estabelecida pelos objetivos, utilizei na metodologia a pesquisa qualitativa descritiva, pois levantamos opiniões, percepções e expectativas dos sujeitos envolvidos. Para a coleta de dados, os diálogos com entrevistas semiestruturadas, individuais, conversas informais, observação direta, análise documental e questionário, a fim de compreender melhor as questões levantadas nesse tipo de pesquisa. De acordo com Chizzotti,

Os pesquisadores qualitativos contestam a neutralidade científica do discurso positivista e afirmam a vinculação da investigação com os problemas ético-políticos e sociais, declaram-se comprometidos com a prática, com a emancipação humana e a transformação social, adensam-se as críticas aos postulados e exigências das pesquisas unicamente mensuarirativa (CHIZZOTTI, 1994, p. 228).

Para justificar nossas escolhas enquanto pesquisadores de uma comunidade tradicional, todo seus universos e subjetividades, trazemos como referência, Minayo, quando esclarece que:

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2007, p. 14).

Sabe-se ainda que uma pesquisa é tecida por etapas e cada etapa deve ser vivenciada de forma cronológica sem atropelos das etapas. A primeira que permeou todo o estudo foi a da pesquisa bibliográfica, por se constituir uma etapa importante da investigação. Em seguida seguimos para a pesquisa de campo, onde buscamos informação diretamente na comunidade, foi o momento de encontro direto com os interlocutores.

O primeiro contato foi muito importante e exigiu muita cautela, pois trata-se de

uma comunidade tradicional, que possui suas peculiaridades, assim, alguns são muito desconfiados, não conversam com qualquer pessoa, desse modo, precisei me fazer confiável e garantir espaço para a coleta de dados, referente ao foco de estudo. Também para a coleta de dados utilizei o questionário, que cumpre pelo menos duas funções: descrever as características e medir determinadas variáveis de um grupo social.

As informações obtidas por meio do questionário permite observar as características de um indivíduo ou grupo. De tal modo utilizei esta estratégia de coleta de dados com os professores, alunos e familiares que na maioria me recebeu sem nenhum tipo de restrição e foram bastante receptivos, considerando o fato de já estar envolvida nos trabalhos da escola, observando e participando das atividades diárias, pois a observação participante também é uma estratégia bastante utilizada pelos pesquisadores qualitativos e mesmo se tratando de uma comunidade tradicional, como é o caso das comunidades quilombolas, o nosso envolvimento no grupo ajuda-nos a adquirir a confiança dos interlocutores e facilitou na coleta de dados.

Nesta pesquisa entrevistei o diretor escolar, 02 professores, 08 alunos do 9º ano, moradores antigos e famílias. Nas entrevistas ocorrem processos de narrativas de vida, como foi o caso desta pesquisa, que por meio das conversas informais, conseguimos coletar histórias de vida e construir argumentos para tecer o primeiro capítulo que fala a respeito da história do lugar.

Portanto a coleta de dados:

É acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes tendo em vista este objetivo (MINAYO, 2010, p. 261).

Para essa pesquisa a escolha se deu com foco nos moradores mais antigos, os quais foram apresentados neste trabalho com nomes fictícios a fim de preservar as suas identidades. Não aceitaram gravar as conversas, mas aceitaram participar da pesquisa e me proporcionaram a oportunidade de dialogar com eles: Senhor José (75 anos), é um dos moradores mais **velho da vila**. A senhora Joana (63 anos), além de participar da pesquisa, me hospedou em sua casa, e lá fiquei juntocom a sua família. Dona Marú (85 anos), é a matriarca da comunidade, cheia

de histórias de vida que se misturam com as lendas daquele lugar. Também entrevistamos os jovens da comunidade, que por meio de conversas informais, tivemos a oportunidade de conhecer seus anseios e conhecimentos a respeito da origem quilombola e dos projetos de futuro para suas vidas e de suas famílias.

Dessa forma, o resultado da pesquisa encontra-se neste trabalho com a introdução, o primeiro capítulo no qual apresentamos a comunidade, o encontro com as famílias; as mulheres da comunidade que encantam por sua beleza, força e empoderamento diante das adversidades do dia-a-dia. A religiosidade e suas manifestações, que é algo muito forte dentro da comunidade; abordamos também nesse capítulo, o encontro com o curandeiro, uma representação simbólica e viva dos costumes e crenças das religiões de raízes africanas que ainda são bem fortes nas crenças do povo quilombola São José da povoação; falamos da festividade de São José, um misto de catolicismo com as manifestações bem características das religiões de raízes africanas; e por fim finalizamos o primeiro capítulo apresentando a escola, sua estrutura física e organizacional. O segundo capítulo faz um apanhado geral nas Diretrizes Curriculares Nacionais, apresenta os alunos, suas identidades, percepções enquanto cidadãos oriundos de uma comunidade quilombola. O capítulo traz, para o debate, a questão do currículo, as práticas docentes e a formação do professor que atua como educador de uma escola no território quilombola e por fim fazemos as considerações finais.

2 CONHECENDO A COMUNIDADE SÃO JOSÉ DA POVOAÇÃO E A SUA ESCOLA

A comunidade São José da povoação localiza-se à margem esquerda do rio Mutuacá, cerca de 80 Km da sede municipal de Currálinho, Marajó, Pará. A única via de acesso é por meio de transporte fluvial, com viagens que variam de 3 à 4 horas dependendo do tipo de embarcação e da maré.

A comunidade apresenta uma intensa interação com a sociedade local, possui meios de transporte aquático, como canoas, barcos e rabetas para se locomoverem e buscar melhorias para a sua vida.

De acordo com relatos de seu José (85) anos, que se considera bisneto de escravo, São José da Povoação é assim chamada por ter recebido este nome de uma sinhazinha vinda de Portugal que era devota de São José, mas não se sabe ao

certo qual a data de sua fundação.

Minha avó contava que a Sinhá fez uma viagem para o Rio de Janeiro em um grande barco, mas que no meio da viagem atravessaram um grande tempo, quase naufragaram e a Sinhá fez uma promessa de que construiria uma capela para Nossa Senhora, e assim aconteceu, mas posteriormente mudaram para Capela de São José por ser o Santo devoto da família Rezende (JOSÉ, 2018).

Segundo os moradores mais antigos, São José da Povoação era uma comunidade constituída por negros africanos trazidos pela família Rezende para substituir os índios que na época (século XIX), já eram pouco numerosos e não se adaptaram às tarefas caseiras e de trabalho do campo.

Os principais sujeitos dessa pesquisa foram: a senhora Joana de 63 anos, seu José de 85 anos e Benedita, tataraneta de escravos, 35 anos. O senhor José trabalhou muitos anos na lavoura com o plantio de roça e na exploração da madeira e segundo ele hoje se encontra aposentado. Dona Joana, tem como ocupação o trabalho da lavoura, e na fabricação da farinha de mandioca, onde tem casa própria para realizar esse trabalho (foto 1). Segundo ela, recentemente se aposentou como lavradora, porém ainda é bastante ativa nos trabalhos domésticos e na roça também. Nunca frequentou a escola, mas é de uma sabedoria inigualável, foi nascida e criada na comunidade. É mãe de 11 filhos. Esta senhora se destaca por ter uma personalidade forte, luta pelos direitos de seu povo, tem orgulho de sua raça e ama sua condição de quilombola.

Figura – 1: casa de fabricação de farinha de dona Joana



Fonte: Autoria própria.

[...] sou negra descendente de escravo sim, com orgulho, construímos esse município com nosso sangue e nosso trabalho, é uma pena que não somos valorizados, mas enquanto eu viver vou falar na nossa história e da nossa cultura (JOANA, 2018).

A comunidade São José da Povoação foi de fundamental importância para o desenvolvimento da cidade de Currálinho, de acordo com as narrativas colhidas e aqui descritas, os portugueses que chegaram à cidade, desenvolviam em alto escalão a extração da madeira e do látex, que na época (século XIX), estavam em auge, dessa forma os escravos eram trazidos para trabalhar, uma vez que a produção daquele lugarejo abastecia as necessidades e o comércio dos regatões e dos armazéns da região e auxiliava os muitos comerciantes que vendiam sua produção para Belém. Dona Joana (63 anos), narra ainda que, no início do processo de colonização e exploração da região, a ideia era que a sede da província fosse naquela povoação, mas por causas ligadas às dificuldades naturais, a ideia foi logo modificada. Assim ela afirmou “Meus avós contavam que era aqui que ia ser a cidade de Currálinho, os portugueses “vinheram” primeiro pra cá, depois viram que aqui era mais difícil a entrada dos barcos para pegar madeira e borracha”.

Essas narrativas dona Joana guarda na memória, no entanto, não encontramos registros que evidencie essas histórias, o que não significa que sua narrativa não tenha validade para o entendimento do importante papel do vilarejo na economia do município, no início de sua formação.

De acordo com Santos (2008, p. 02), a memória é a principal fonte de depoimentos orais e há ligação direta entre o tempo e a história, com o objetivo de construir ligações entre as fontes ou documentos, que podem subsidiar na pesquisa ou formar acervos para os centros de documentação e de pesquisa.

A referência da interlocutora serve para o entendimento do porquê da comunidade ter várias ruínas de alvenarias, resquícios de casa onde moravam os senhores de engenho, os donos dos escravos e comerciantes, que chegaram ao local formando então o povoado.

Segundo as narrativas de seu José (85 anos), a comunidade São José da Povoação é mais antiga que a própria sede do município de Currálinho, fundado por volta de 1850, mas também não sabe se tem registro escrito da fundação do vilarejo. Importante ressaltar, que são informações orais, ninguém tem conhecimento se há registros escritos, no entanto, recentemente o Pároco da Paróquia de São João Batista, em Currálinho, encontrou um documento do século XIX, no qual menciona a

capela de São José no rio Mutuacá. Este documento é muito importante, pois neles constam dados históricos necessário para a construção da identidade, da veracidade das histórias contadas ainda hoje pelo povo da comunidade Remanescentes de Quilombo São José da povoação.

Para Joana (63 anos), a comunidade remanescente de quilombo, é assim considerada, não por ser constituída de escravos refugiados dos seus senhores, pois a história conta que eles foram levados para lá para viverem uma vida de escravidão, porém podem ser assim denominado porque mantiveram seu modo de viver ligado as tradições africanas, mas com característica típicas de ribeirinhos da Amazônia. Nesse sentido, esses moradores se consideram homens e mulheres afrodescendentes, gente que luta há muito tempo pela preservação da sua cultura, seus costumes, seus valores e principalmente pelo direito de contar suas histórias para as gerações seguintes.

Assim fui despertada a escolher a Escola Municipal de Ensino Fundamental Remanescentes de Quilombo São José da Povoação, a realizar uma pesquisa de estágio supervisionado em um espaço cujo os sujeitos envolvidos são descendentes de escravos.

Para realizar a atividade de estagio supervisionado, o primeiro encontro com a comunidade se deu por intermédio de amigos professores que trabalham nessa escola, mas residem na cidade de Curralinho, foi a possibilidade de acesso e de ganhar confiança de alguns moradores, porque por características próprias deles, se apresentam arredios e desconfiados, como relata a senhora Joana (64 anos), “Estamos cansados de pessoas de fora vim aqui colher nossa história e ir embora sem nos trazer nada de benefício”.

As famílias da comunidade na sua maioria, são mantidas com os benefícios sociais governamental. O acesso aos programas de assistência social do governo é a inclusão no Cadastro Único. Após o cadastro, as famílias passam a receber os benefícios, tais como o Bolsa Família. O Cadastro Único possibilita a elaboração tanto de um diagnóstico das principais necessidades dessas comunidades, quanto de políticas públicas e programas sociais voltados a esse público. (Guia de Políticas Sociais Quilombolas, 2009, p. 42). Como as famílias possuem Cadastro Único, todas as crianças da comunidade em idade escolar recebem o auxílio “bolsa família”, o que garante, apesar das inúmeras dificuldades, a permanência das crianças na escola.

As principais atividades de subsistências são o cultivo de mandioca para fabricação de farinha, e na safra do açaí, faz-se o comércio da fruta. Já a extração da madeira acontece de forma moderada.

O encontro com as famílias da comunidade foi gratificante e rico de informações e conhecimentos. Desde a minha acolhida em suas casas, as conversas embaixo das mangueiras, os jogos de futebol que agrupam homens, mulheres e crianças, como uma rotina das tardes da comunidade, aliás uma das poucas atividades de lazer das famílias.

Nesse encontro foi possível perceber que as famílias são de baixa renda, trabalhadoras e ao longo dos séculos sofrem com o descaso dos governantes, estão excluídos da maioria das políticas públicas e as que chegam, não são suficientes e nem de qualidade para servi-los. A maioria das residências não possui fossa, os sanitários são a céu aberto, não tem tratamento de água, tão pouco rede de esgoto, as casas são construídas em madeira, não possuem energia elétrica, apenas algumas possuem motores geradores de energia que funcionam por poucas horas durante a noite. Nessas casas acontecem os encontros, principalmente das crianças e adolescentes que se reúnem para assistirem as novelas, a foto 2 é uma representação dessa **reunião**.

Figura – 2:crianças quilombola assistindo tv na casa da avó Joana



Fonte: Autoria própria.

Devido às dificuldades em conseguir recursos para melhorar as condições de vida social, os moradores decidiram se organizar e assim criaram a Associação dos Quilombolas do Rio Mutuacá, por meio dessa ação, conseguiram melhorar a merenda escolar durante um período, mas por falta de prestação de contas (por parte do governo da época), do recurso destinado a merenda diferenciada foi cortado. Algumas políticas até chegam por lá, porém diante de tanto descaso e sofrimento, o povo se tornou desconfiado, arredio, não aceita facilmente os projetos que chegam e assim as coisas vão deixando de acontecer. Esses dados foram coletados por meio de informações do diretor da escola São José da Povoação, mas ratificada por uma comunitária que disse: “Somos um povo que construiu esse município, com nosso suor, trabalho e sangue, mas somos um povo esquecido, só lembram de nós quando querem fazer um estudo, chegam tiram foto, e vão embora e nada muda na nossa vida” (BENEDITA, 2018).

Durante o período de pesquisa na comunidade, pude vivenciar uma realidade que mostra sacrifício e escacês de alimentos, não que a floresta e rios não forneça, mas porque os próprios moradores não tem o hábito de caçar e pescar, os alimentos são comprados na cidade ou em pequenas vendas, cujos preços são bem abusivos, com isso as famílias se restringem a uma única refeição diária, geralmente o jantar, durante o dia eles comem um alimento qualquer, como lanche, na maioria das vezes nesses horários se alimentam de café com tapioca e de frutas cultivadas nos quintais, as crianças no decorrer do dia, geralmente vão colher e comer os frutos, embaixo das árvores.

Diante da situação observada, ressalta-se a importância da gestão municipal, conhecer melhor as necessidades desta comunidade, e fornecer subsídios para uma melhoria de vida, uma vez que o Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR), concede subsídios com recursos do Orçamento Geral da União (OGU) para a aquisição de material de construção para a construção, conclusão ou reforma da habitação em área rural. Nesse caso, as comunidades quilombolas são priorizadas (BRASIL, 2013, p. 25)

2.1 As mulheres da comunidade

*Filho de branca babujou teu seio/negrinho berrou e berrou,
sinhá nenhuma amamentou. Por que não existe mãe-branca?
"Mãe branca?/ora já se viu/é muito desaforo!
MATILDE RIBEIRO*

Falar de quilombos é falar de resistência e por isso é importante marcar o papel das mulheres nesse processo histórico, mas também contemporâneo. Historicamente, esses territórios não eram espaços que tinham apenas referências masculinas em sua organização política, econômica e social. As mulheres sempre foram muito importantes para sua estruturação, desenvolvimento e luta.

Nas histórias contadas, o patriarcado só honra a existência e história dos homens, porém não se pode menosprezar o papel das mulheres dentro desse processo de luta e resistência, porque elas foram submetidas à condição de escravas, tanto quanto os homens, foram exploradas em todos os sentidos, como a própria história confirma, dessa forma, é injusto e incorreto afirmar que as mulheres ficaram em uma posição secundária nesse processo.

Porém, até a década de 80, apesar dos movimentos feministas fora e dentro do país, os avanços eram poucos em detrimento aos direitos igualitários das mulheres, nesse sentido (RAIANA, 2015, P. 94).

A constituição Federal de 1969, também não era favorável a mulher, e possuía traços visíveis de uma sociedade bastante patriarcal e machista, onde, por exemplo, estava previsto em Lei que mulher devia prestar serviços sexuais ao seu companheiro sempre que o mesmo solicitasse. (MENDES, 2015, P.94)

Mendes (2015), aponta ainda, que nesse período o Brasil vivia em plena Ditadura Militar, mas mesmo assim o movimento feminista criava forças, movida por mulheres mais elitizadas, de classe média alta, intelectuais que tiveram acesso a obras marxista voltado para construção do pensamentos crítico. No entanto esse movimento só alavancou após alcançar as classes populares, criaram grupo de estudos feministas em bairros afastados e pobres em todo país e elaboraram propostas e políticas em benefício dessas classes.

A falta de informação, ou melhor, as informações propagada, intencionalmente distorcida pelo sistema que promuga uma política desigual e excludente, faz com que se perpetue, até mesmo nas mulheres brancas e negras um pensamento

machista e racista.

Nesse sentido precisamos tomar consciência do nosso verdadeiro papel na sociedade, assim (RIBEIRO, 2008, P.04).

As mulheres negras em seu processo político entenderam que não nasceram para perpetuar a imagem da "mãe preta", fizeram desaforos. Entenderam que desigualdades são construídas historicamente, a partir de diferentes padrões de hierarquização constituídos pelas relações de gênero e raça, que, mediadas pela classe social, produzem profundas exclusões. São combinações de discriminações que geram exclusões, tendo como explicação a perpetuação do racismo e do machismo. (RIBEIRO, 2008, P.04)

Essa característica peculiar, desse despertar para força da mulher e o importante papel que ela desenvolve na sociedade, também observamos nas mulheres da comunidade quilombola São José da Povoação. As mulheres têm poder de liderança tanto no âmbito familiar, quanto nas funções coletivas, políticas, dentro da comunidade, e foi reafirmado pelas histórias contadas pelos anciões da comunidade, ou seja, a participação delas é primordial para construção da comunidade.

Uma figura muito importante das narrativas do imaginário dessa comunidade é da "Feiticeira Negra", chamada tia Chonda, ela defendia os negros quando estavam em apuros. A lenda conta que ela era de força sobrenatural, que através de suas orações (rezas fortes), era capaz de proteger os negros de seus algozes, não deixando os senhores ou comerciantes os maltratarem. Ela enfrentava os chicotes, os tiros e facões, tirando as forças de quem tentava contra seus irmãos, pois tinha o poder de esconder qualquer pessoa, com a força de sua reza e do pensamento.

Tia Chonda recebe o predicativo de Feiticeira - uma escrava que com poderes dos orixás protegiam os negros dos senhores, o que para muitos pode soar como a realização do mal, quando que nas religiões africanas representa uma figura sagrada - a curandeira, ou o pajé para os indígenas, a parteira para os ribeirinhos, a adivinha, o encantador e o rezador que afasta os maus espíritos. Numa analogia, a figura da tia Chonda ou, a Feiticeira Negra, era uma ameaça aos senhores opressores, uma vez que feitiçaria e o mal está ligado ao imaginário colonizador, que distorceu as crenças e religiões africanas como culto ao demônio. Também pode-se comparar a figura da Feiticeira Negra, como a representatividade da resistência e da luta da mulher no processo da libertação da escravatura.

Essa é uma luta que perdura há séculos, no entanto, muito ainda tem que se mudar para que essa imagem ideológica, imoral, injusta que se criou sobre a mulher negra, e agora também, mulher negra quilombola e reibeirinha da amazônia, como é o caso das mulheres no foco da pesquisa. Dessa forma, RIBEIRO- (2008, p.31), cita a crônica de Euclides Cunha (1935), que diz:

E nós, patricias, precisamos nos mover, sacudir a indolência que ainda nos domina e nos faz tardias. O cativo moral para nós negros ainda perdura. Muito a propósito do triste conceito que fazem sobre nós, olhemos o que nos preparam, notemos a fundação desta Escola Luiz Gama com o fim de preparar meninas de cor para serviços domésticos. Por esta iniciativa se vê que para os brancos não possuímos apelo às mulheres negras Publicado em 1935, em o clarim d'alvorada 32 outra capacidade, outra utilidade ou outro direito a não ser eternamente o de escravo. No passado íamos das senzalas aos eitos, e hoje pretendem nos promover achando que só podemos ir da cozinha à copa. (RIBEIRO, 2008, P.31).

De fato, as mulheres da comunidade vêm de forma singela, tomando seu espaço na comunidade, e ocupando funções que não sejam as de dona de casa. Só agora estão se dando conta da necessidade de sair da comunidade, para estudar e assim voltar, não que elas possam assumir na comunidade os cargos de enfermeiras, professoras, advogadas, médicas, assistentes sociais, em fim tudo que elas sonham em ser e até agora foram tolidas pela falta de políticas públicas voltadas para o direito da mulher e sua qualidade de vida.

Assim as lindas mulheres da comunidade Quilombola São José da Povoação, vem representando muito bem a “Feiticeira Negra”, liderando politicamente, liderando nos trabalhos braçais, liderando nos trabalhos manuais e culturais, trabalhando os ensinamentos dos costumes e tradições para perpetuação de uma cultura que luta pra não ser engolida pela cultura global do capitalismo.

São mulheres que muito cedo se tornaram mães de famílias, as vezes ainda adolescentes. São mulheres que lutam contra o alcoolismo dos seus homens, portanto, assumem sozinhas o sustento de suas famílias. São mulheres ainda que tem força para assumir as lutas por seus direitos, indo as reuniões e gritam quando precisam gritar. Brigam, quando têm que brigar, choram juntas as dores umas das outras e se tornam unidas na luta do cotidiano.

Não podemos deixar de observar a violência com as quais algumas são submetidas, acontecendo em vários contextos. Primeiro o abuso de submete-las desde muito cedo ao ato sexual, em muitos casos no final da infância, início da

adolescência, pois mesmo sendo concedido per elas, percebe-se a falta de uma maturidade para assumir uma sexualidade madura e consciente, desencadeando dessa forma, gravidez precoce e sem estrutura para assumir o papel de mãe, esposa e dona de casa.

Uma outra violência contra as mulheres da comunidade, claro que é importante não generalizar, mas também é necessário enfatizar, pois são casos frequentes, é a questão do alcoolismo dos homens, que assim como as meninas, os jovens desde cedo ingerem álcool e até a vida adulta se tornam alcólatras, fazendo com que as mulheres sofram por assumirem sozinhas as suas famílias e as vezes sofrem violência física, por conta das consequências de alcoolismo dos seus homens.

Diante dessas lutas podemos observar que desde a escravidão do século XVI às mulheres negras da contemporaneidade lutam por espaços e dignidade, nesse sentido Santana - (2019, P. 14) diz que as “Mulheres negras que, mesmo tratadas como “coisa”, nunca perderam sua humanidade. E foram e são infinitas as tentativas de nos mostrar o “nosso lugar”, de relegar nossas necessidades, de nos tornar subumanas.”

É fato histórico que as lutas das mulheres contra o sexismo no Brasil vem alcançando largos avanços, muitas mulheres já morreram e continuam morrendo por conta da omissão dos seus direitos, e por dizer que “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”, é que as taxas de feminicídio só aumentam, é exatamente assim que os abusadores querem está, nessa zona de conforto, onde eles possam continuar cometendo seus crimes sem que ninguém denuncie, o que contribui para impunidade dos crimes contra as mulheres.

Assim desde o Brasil colônia até o período pós-moderno, as mulheres negras vem ocupando mais espaços na sociedade, no entanto existem fenômenos negativos na sociedade que persistem e estão longe de acabar, como por exemplo o racismo, o machismo, o sexismo, onde juntos desencadeiam um “câncer” na sociedade que faz com que mulheres negras sofram todos os tipos de desrespeito e violência. Dessa forma trago novamente para o debate Ribeiro, (2015, p. 238), que mostra em estatística, o estudo Retrato das desigualdades – Gênero e Raça de uma pesquisa realizada em 2007, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea, pelo Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher " Unifem e pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres - SPM, traz informações sobre a posição na ocupação:

Enquanto as mulheres estão mais representadas no trabalho doméstico e na produção para próprio consumo e trabalho não remunerado, os homens ocupam mais postos com carteira de trabalho assinada e de empregador. [...] Destaca-se, ainda, a alta proporção de jovens negras, com idade entre 16 e 29 anos, que são empregadas domésticas - no caso destas faixas etárias, alcançam o dobro da proporção das jovens brancas. No que diz respeito ao número de trabalhadoras domésticas com carteira de trabalho assinada, percebe-se um relativo aumento na porcentagem ao longo da década: em 1996 verificava-se 18,7% para as negras e 23,6% para as brancas; já em 2006 os números passaram a 23,9% e 30,2%, respectivamente (RIBEIRO, 2008, p.238).

Apesar de ter disparidades entre os avanços de mulheres brancas e negras na ocupação de cargos formais no mercado de trabalho, percebemos melhorias, isso já é uma conquista. Outra grande conquista na luta em favor das mulheres foi no ano de 2006, onde foi criada a Lei 11.340/2006, com a finalidade de coibir qualquer tipo de violência doméstica e familiar contra as mulheres, popularmente chamada Lei Maria da Penha. Essa é uma lei bem específica para proteger a mulher sem distinção de cor, raça, etnia, religião ou orientação sexual, contra qualquer tipo de violência seja ela, física, psicológica, sexual, patrimonial ou moral.

A lei é bem abrangente, mas para que ela se cumpra é necessário que se denuncie, nesse caso as mulheres devem ser bem amparada no sentido de conhecer os seus direitos, ter coragem para denunciar todo e qualquer tipo de violência.

Para isso é necessário que se implante políticas públicas voltadas para o direito da mulher e para o seu empoderamento diante dessa sociedade machista e desigual. Politizando-as fazendo movimentos, reuniões, rodas de conversas, para que os crimes contra as mulheres sejam banidos e essas mulheres sejam elas negras, brancas, ricas, pobres, quilombolas... Mas que possam florir, sonhar, amar, fazer escolhas e ser livres para realizar, produzir, mudar quando for necessário e gozar de plenos direitos sem medo de ser tolidas por qualquer tipo de “manifestação de ódio” escondidas atrás de discursos machistas, racistas e preconceituosos.

2.2 A religiosidade e suas manifestações

A religiosidade da Comunidade Remanescentes de Quilombo São José da Povoação, é conhecida em todo trajeto do rio Mutuacá por sua peculiaridade, um misto de cristianismo e candomblé, pois por mais que a maioria das pessoas daquela localidade, sigam as religiões cristã, sendo em maior número da Igreja

Católica, a pesquisa indica que há características das religiões de raízes africanas, em várias situações, mas principalmente no combate as doenças, portanto forjando o sincretismo. Ferretti (1995) analisa esta relação com bastante clareza:

O sincretismo pode ser visto como característica do fenômeno religioso. Isto não implica desmerecer nenhuma religião, mas constatar que, como os demais elementos de uma cultura, a religião constitui uma síntese integradora englobando conteúdos de diversas origens. Tal fato não diminui, mas engrandece o domínio da religião, como ponto de encontro e de convergência entre tradições distintas (FERRETTI, 1995, p. 183).

Ferretti (1995) sugere que existe uma complexidade em torno do termo sincretismo, pois este apresenta múltiplos sentidos que se aplicam em variadas combinações de significados que pode apresentar conforme o contexto estudado. É por meio do sincretismo que, a religiosidade deste grupo se expressa, e manifesta a partir de diversas expressões místicas que dão sentido à existência humana.

Figura – 3: igreja centenária da comunidade



Fonte: Autoriaprópria.

Assim a experiência religiosa dessa comunidade se constitui por várias possibilidades, acreditam em alma penada, em feitiçaria, em pessoa com o poder de penalizar a outra por meio de feitiços. Acreditam também que as almas dos antepassados protegem a comunidade do mal, como conta a narrativa da “Feiticeira Negra” – tia Chonda, descrita no capítulo anterior. Pacheco (2004, p. 477), descreve essas características dos povos tradicionais da Amazônia, mais especificamente do Marajó:

Crenças, afetividades, respeitos, regras, normas, princípios, hierarquias, solidariedades, aspectos constituintes das cosmologias religiosas indígenas, cristãs, africanas, expressam valores com os quais populações locais, sem apartar religiosidade de natureza, construíram um panteão afroindígena e interagiram com suas entidades em territórios amazônicos. [...] A percepção da constituição desse panteão afroindígena na Amazônia, com destaque para a Amazônia Marajoara, assenta-se nas profundas relações que índios e negros por intermédio de saberes, crenças e fazeres alinhavaram em toda a região. Essas populações de tradições orais readaptaram orientações do catolicismo popular e do catolicismo sacramental à luz da cosmologia com a qual operavam para explicar seu mundo e dar sentido à sua existência (PACHECO, 2004, p. 477).

À luz do autor podemos fazer uma análise a respeito da religiosidade do povo da comunidade quilombola São José da Povoação e perceber esse Panteão ao qual sugere o autor, pois visualizamos no seu modo de viver, característica bem peculiares dos povos africanos, dos indígenas, assim como dos brancos colonizadores. Como por exemplo o combates às doenças são prioritariamente de responsabilidades dos curandeiros, pajés e benzedeiros, os quais utilizam principalmente ervas medicinais colhidas direto da floresta, mas também cultivadas nas casas das pessoas, aos quais, de acordo com as narrativas do senhor José (66 anos) e de dona Joana (67 anos), vêm sendo muito eficazes para cura de muitas doenças:

Abaixo de Deus eu tenho fé nesses benzedores, pois meus pais e meus avós sempre se cuidaram com eles, nossos filhos não precisam de médicos, esses remédios da farmácia deixa a gente mais doente, nós nos curamos com mato tirado da floresta, se o benzedor disser que não dá conta da doença, então não tem médico que dê conta (JOANA, 63 anos).

Trazemos para apresentação a figura do curandeiro por ele desempenhar um papel muito importante na comunidade em estudo, pois ele tem função de conselheiro, de médico e é muito respeitado por muitos, mas também é temido por outros, pois acredita-se que ele tem poderes místicos vindo de seres sobrenaturais que tem os poderes de cura, mas também outros poderes que podem prejudicar pessoas. Seu Cláudio (48 anos), curandeiro, relata que faz uso dos seus conhecimentos, herdados de seus antepassados, para cura do corpo ele utiliza os recursos vindos da floresta, fazendo com que haja essa interação direta do homem ribeirinho com a fauna e flora da floresta amazônica marajoara, pois muitos remédios são extraídos da floresta como plantas e “banhas de animais”, como por exemplo a banha da Pirara (peixe típico da amazônia), é muito utilizada no tratamento de doenças respiratórias, como bronquite, pneumonia e asma. Dentro dessa lógica trazemos novamente para o debate Pacheco (2004), que traduz essa relação de

crenças e elementos da natureza como uma construção de uma “ecologia de saberes”.

A fim de compreender a comunidade nesse processo de consulta com o benzedor, também enveredei nesse ritual e fui até ele. É um homem com aproximadamente 45 anos de idade, com moradia fixada em um rio afluente do rio Mutuacá, que atende pessoas ribeirinhas de todas localidades próximas. Minhas observações foram feitas por meio de uma consulta que também busquei, assim, saímos bem cedinho da vila, com outras pessoas que tinham o mesmo interesse, “consultar”, por volta de quatro horas da manhã e chegamos aproximadamente às seis horas. Ao chegar percebemos que era grande o número de barcos ancorados no porto da casa onde ele mora e atende as pessoas.

Nessa manhã ele falou que só atenderia até às nove horas, porque ele faz seus trabalhos em jejum, para que seu corpo fique purificado. Também perguntou se as pessoas queriam falar com ele em particular. Segundo informações obtidas por pessoas que aguardavam pelo atendimento do curandeiro, as pessoas vão falar em particular, são aquelas que desejam fazer algum tipo de feitiço, seja para trazer a pessoa amada, ou até mesmo para alcançar algum desejo.

O ritual de atendimento começou com uma conversa, onde as pessoas falam o que estão sentindo e depois ele faz orações com galho novo de arruda (planta medicinal), que segundo as crendices ajuda a tirar o quebranto e o mau olhado. Após a conversa ele passa a receita, nessa receita está escrito o tipo de planta medicinal e a forma de como fazer as medicações.

Neste contexto é possível vislumbrar um mix de culturas, mas ao mesmo tempo enxergar a identidade daquela comunidade, há semelhanças com outras, mas principalmente, exibem sua singularidade.

Uma das questões a ser exemplificada na questão religiosa é a divisão existente entre os evangélicos e católicos, os evangélicos abominam tudo que vem do curandeiro, dizem que é coisa do mal, não gostam dos santos que são homenageados e cultuados em altares das casas dos católicos, dentre eles o são José, a Santa Maria. Também não participam das danças e nem das festividades religiosas católicas. De um lado do vilarejo moram os católicos, e do outro moram os evangélicos, que apesar de serem quilombolas, não cultivam a religiosidade de seus antepassados.

Do lado da comunidade católica a festividade de São José não pode faltar no calendário, pois é celebrada há mais de cem anos naquela comunidade, segundo relatos dos interlocutores, esta festa é celebrada desde o tempo da escravidão, com os senhores dos engenhos, onde os escravos aproveitavam para celebrar também seus orixás, mesmo que de forma difundida com o santo católico.

Dona Joana (65 anos), bisneta de escravos, revela que nesta festa, apesar de serem dias de muita alegria e benção, também traz muita tristeza e violência, por causa de bebidas exageradas pelos participantes. Dessa forma, foram proibidas as vendas de bebidas alcóolicas, pois dizem que o espírito mal se apodera dos corpos e das mentes de quem se alcoolizam, causando transtorno e medo para os moradores da comunidade.

No entanto, neste período acontece também as manifestações culturais como as danças a exemplo o maculelê, como mostra a imagem 4, o teatro, onde se dramatiza pelos jovens, orientados pelos mais velhos, as antigas lendas e mitos que permeiam a história da comunidade.

Figura – 4: casa de fabricação de farinha de dona Joana



Fonte: Autoria própria.

De acordo com as informações de dona Joana (65 anos), durante o mês de março, mês em que se comemora a festa, são rezadas as novenas na casa do senhor Benedito Ferreira (68 anos), bisneto de escravo e devoto de São José, uma noite é rezado o terço, e outra é rezada a ladainha em latim, mas somente os mais

velhos sabem rezar. Dona Joana presume que os mais novos não se interessam em aprender.

Nota-se nesse processo que a forte presença do sincretismo religioso na comunidade, marcas da colonização portuguesa, mas também africana como foi discutido nesse capítulo.

3 A ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL “REMANESCENTES DE QUILOMBO SÃO JOSÉ DA POVOAÇÃO”

O cenário de investigação escolhido é a escola municipal de ensino fundamental São José da Povoação, localizada na comunidade Remanescente do Quilombo São José da Povoação às margens do Rio Mutuacá no município de Curralinho – Marajó – Pará.

Figura – 5: E.M.E.I.F. Remanescente de Quilombo São José da Povoação



Fonte: Autoria própria.

Esta escola, surgiu de um projeto do Sr. Evaristo Teles Carvalho e sua esposa Maria das Graças de Jesus Carvalho e a Sr^a Maria de Nazaré P. de Jesus que sonhavam em implantar uma escola que atendesse as crianças da comunidade, e no mandato do Prefeito José Assis de Oliveira Filho, o senhor Evaristo, em parceria com a D. Nazaré e D. Maria das Graças, iniciou na sua própria residência as primeiras turmas de alfabetização. Essas informações foram retiradas da análise documental do Projeto Político Pedagógico - PPP da referida escola.

Após dois anos com a mudança da família do Sr. Evaristo, a escola passou a funcionar em frente à vila São José da Povoação, eram atendidas crianças na faixa etária de 06 a 12 anos de idade, de 1ª a 4ª série em dois turnos. A professora Maria das Graças, durante 12 anos lecionou na escola e por não passar no concurso público de 1995, abandonou a sala de aula. E no ano de 2001, ano em que foi realizado concurso público e com a aprovação de seu filho e membros da comunidade, o senhor Evaristo Teles de Carvalho afastou-se da sala de aula, mas continuou a trabalhar na escola.

A escola retornou funcionando em uma casa localizada na vila, depois em uma casa comunitária, em seguida no “casarão” e que nesta mesma época iniciou o circuito, (esta é uma modalidade de ensino presencial, mas cada período estuda-se duas ou três disciplinas, no período de três meses) onde se lecionava apenas até a 5ª série, e com o crescimento da vila, foi construída o atual prédio escolar em 2005. O novo prédio começou a atender turmas de educação infantil, alfabetização, ensino fundamental de 1ª a 4ª série e EJA em 2007.

Atualmente (2018) a escola funciona em dois turnos e atende as turmas de educação infantil (pré-escola), com crianças de 04 e 05 anos e turmas do ensino fundamental, de 1º ao 9º ano. Possui uma sala de Atendimento Educacional Especializada- AEE, para crianças com deficiência, entretanto, funciona em uma sala improvisada. Também tem alunos com deficiência que recebem educação itinerante, além dessas turmas, existem outras anexas no rio Juná, afluente do rio Mutuacá, que atendem crianças do 1º ao 5º ano, na modalidade de ensino multiano, (nessa modalidade o ensino acontece com um unico professor lecionando para crianças do 1º ao 4º simultaneamente) denominada anteriormente como turmas multisseriadas.

A estrutura física da escola, assim como sua organização, manutenção e segurança revelam muito sobre a vida que ali se desenvolve. O prédio escolar é construído de madeira, seu telhado é de telhas colonial, possuindo 05 salas de aula, na sua construção original, e mais três salas menores construídas posteriormente, onde funcionam as turmas da educação infantil. Possui também secretaria, copa e cozinha, área livre, 04 banheiros, sendo 02 femininos e 02 masculinos, uma biblioteca e mais recentemente com recursos do Programa “Mais Educação”, foi construído um auditório. O fornecimento de energia é por meio de motores e geradores de energia. A água consumida é puxada por bomba, direto do rio e o

tratamento é feito pelos próprios funcionários.

A escola conta com os recursos oriundos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB). Possui um projeto pedagógico, que tem como principal objetivo, guiar as ações que serão desenvolvidas dentro e fora das salas de aulas, bem como, definir os objetivos a serem alcançados por meio das atividades educacionais daquela escola. Este PPP vem sendo trabalhado há um ano, consiste em administrar os conteúdos de forma temática comum a todas as turmas, o tema é administrado em cada sala de aula durante a semana, se houver algum tema extenso dá-se em duas semanas, cada.

O planejamento das atividades escolares é realizado semanalmente, e todos os funcionários da escola são envolvidos, os trabalhos que dão certo são executados e os que não dão são extintos. O trabalho na escola ocorre de forma integrada, todos executam seu papel para o bom desempenho das atividades educativas, todos se envolvem pela educação de qualidade: professores, gestor, técnico e pessoal de apoio. As metodologias adotadas pelo corpo docente buscam favorecer o aprendizado do aluno, em todas as dimensões.

3.1 Dialogando com o gestor

A participação do diretor da escola Remanescente de Quilombo São José da Povoação foi importante para o conhecimento de como se estabelece a relação entre a organização das práticas da escola e as diretrizes para a educação escolar Quilombola.

O gestor escolar é licenciado em Pedagogia, com especialização em Gestão Escolar. Tem 45 anos de idade, nasceu na comunidade e trabalha na direção da escola há cinco anos, exercendo o magistério nessa unidade escolar, há mais de 15 anos.

Questionado sobre como se dá o ensino na escola São José da Povoação, o diretor respondeu que “o ensino na comunidade se dá de forma satisfatória, porém não é voltado totalmente para a cultura quilombola, pois esta cultura está se perdendo de forma acelerada”. De acordo com a resposta dada pelo diretor, a perda da identidade cultural dos remanescentes de quilombo da escola se dá devido a substituição das atividades tradicionais do povo quilombola pelas tecnologias e

instrumentos do mundo moderno. Como exemplo, destaca a televisão, assim como os celulares, que agora assumem praticamente todo o tempo da juventude e, em muitos casos, dos adultos, que também se apropriaram das novas ferramentas tecnológicas, deixando de lado o lazer, as festas, brincadeiras, trabalhos que outrora os envolvia enquanto comunidade tradicional.

Quanto a participação das famílias na escola, o diretor disse que é importante, porém, salienta que as famílias precisam ter mais participação, pois sem essa relação escola-comunidade, fica mais difícil dirimir os problemas, sejam eles pedagógicos ou administrativos. Nesse sentido, levantamos questionamentos: não seria a escola a responsável em manter esse diálogo mais presente, já que é ela que tem um corpo preparado para fazer acontecer essa relação?

O diretor argumenta que para que houvesse um conhecimento melhor da cultura quilombola vivida por essa comunidade, deveria haver maior aproximação das famílias mais antigas, pois elas têm conhecimento de como essa tradição vem se fortalecendo ou se perdendo. Este discurso do gestor escolar aponta para o que Maroun (2013) defende como necessário para se manter os laços identitários dos povos tradicionais quilombolas refletidos em ações pedagógicas do seu espaço escolar.

O indicativo que se tem, no caso dos remanescentes de quilombo da comunidade escolar de São José da povoação, a partir da resposta do diretor, é que o próprio povo remanescente não se organizou em torno de uma pauta reivindicativa de sua própria raiz identitária, no que diz respeito às práticas pedagógicas desenvolvidas na escola, pois segundo Maroun (2013, p.182) o aprendizado proporcionado pelas diferentes atividades que valorizam o saber tradicional poderia orientar não só novas possibilidades para o currículo e os conteúdos escolares, mas também, servir de plataforma para a elaboração de um modelo pedagógico novo e apropriado às especificidades da comunidade.

Trazemos para o debate a questão. Se a comunidade não se organiza e a escola é um elo de ligação, o que impede a instituição de chamar a comunidade e mostrar a importância que ela tem para que suas tradições culturais não se perca? Não é a escola o local de produção de conhecimentos e valorização dos saberes? Nem sempre a comunidade tem pessoas para fazer essa conexão, e escola é o local “diferenciado”, é de onde se espera tal posicionamento.

Diante desse contexto, a gestão escolar, dependendo de como organiza-se

pode ser o elo de ligação entre a comunidade e a escola, mas também, afastá-la, quando não tem uma gestão democrática. De acordo com o diretor “a escola desenvolve a gestão democrática participativa e a mesma está elencada no projeto político pedagógico”. Segundo Veiga (2009), a gestão democrática exige compreender profundamente os problemas da prática pedagógica, repensando a estrutura de poder da escola, propiciando a participação coletiva, a reciprocidade, a solidariedade e a autonomia.

A escola não pode prescindir de ouvir a sua comunidade, pois é também autora desse contexto na caminhada e ajuda a definir coletivamente o tipo de ação educativa que se quer realizar. Caracteriza-se como instrumento teórico-metodológico para transformação da realidade.

É por meio da gestão democrática que a instituição se abre à comunidade, conhecendo a realidade sociocultural, política, econômica, linguística, de gênero, étnico-racial e religiosa da comunidade onde está localizada, permitindo sua participação na construção da proposta curricular (MEC, 2013), de forma que essa atenda as demandas de educação da própria comunidade (VEIGA, 2009).

Sobre a construção do Projeto Político Pedagógico da escola, se está em consonância com a cultura quilombola, o diretor respondeu que na SEMED, há técnicos pedagógicos que orientam como devem construir os projetos, sendo que são feitas reuniões com a comunidade e é apresentado “a escola que temos e a escola que queremos” e juntos vão elencando ações futuras que em prazo longos e curtos a escola pretende alcançar. Segundo o gestor, o Projeto Político Pedagógico está sendo desenvolvido há dois anos e envolveu em sua construção, pais, alunos professores e todos que compõem a escola.

O Projeto Político Pedagógico da educação escolar quilombola, segundo (CNE, 2012) deve orientar-se, além dos marcos legais, pelo atendimento às demandas políticas, socioculturais e educacionais das comunidades quilombolas. O diagnóstico da realidade local é uma etapa primordial na sua construção e deve ser realizado por meio de um processo dialógico com as comunidades e lideranças quilombolas locais. De acordo com o Conselho Nacional de Educação, “o processo educativo deve ser orientado pela questão da territorialidade, associada ao etno-desenvolvimento e à sustentabilidade socioambiental e cultural das comunidades quilombolas.

Segundo Maroun (2013) para a proposição de um Projeto político pedagógico

coerente com a realidade dos povos tradicionais remanescentes de quilombo é preciso que se aplique a esse projeto as questões históricas, políticas, sociais e culturais da população afro-brasileira além das próprias especificidades das comunidades remanescentes de quilombo, que por sua vez evidencia a elaboração de Projeto Político pedagógico que venha contemplar a comunidade avançando para um debate sobre a escola que deve ser incorporado ao Projeto Político Comunitário.

Em relação ao currículo, perguntamos ao diretor como ele é organizado para trabalhar com os alunos. A resposta foi que “o currículo da escola vem da SEMED (secretaria de educação de Currálinho), já com a indicação das grades curriculares para cada disciplina, os professores junto a orientação pedagógica fazem uma adaptação, e desta forma realizam os trabalhos durante o ano letivo”. Diante desta resposta é importante refletir sobre o que diz Silva (2006) sobre o currículo.

O currículo tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais nos confirmam. O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de Poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forma a nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade (SILVA, 2006, p. 150).

A partir das orientações do autor, problematiza-se os lugares, os espaços que esse currículo terá significado para essa comunidade. É preciso refletir sobre como está se processando essas escolhas curriculares para que os alunos da escola São José da Povoação façam os seus próprios percursos sem esquecer as suas identidades.

Em se tratando de currículo, Macoun (2013) afirma que desenvolver atividades pedagógicas que levam em conta a cultura, as tradições e as memórias coletivas da comunidade no âmbito escolar trariam elementos da vida cotidiana das crianças, jovens e adultos quilombolas para dentro do currículo que, então, incluiria suas perspectivas e lutas. Como nos demonstra Kabelenge Munanga (2005, p.16) a importância de se trabalhar conteúdos curriculares relativos ao saberes étnicos de seu povo:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza

econômica e social e da identidade nacional. (MUNANGA, 2005, p.16)

Assim, pode-se inferir que com um currículo elaborado pela SEMED, na cidade de Curalinho, mesmo que haja adaptações, há lacunas que precisam ser preenchidas, pois adaptar o currículo seria trazer os anseios da comunidade, a história, os costumes, as lutas da comunidade negra em prol de seus direitos, seria elaborar sugestões de atividades que proporcione momentos de discursão, análise crítica e de conhecimento das origens e das culturas que envolvem a comunidade Quilombola São José da Povoação.

3.2 Os professores como sujeitos da pesquisa

No processo da pesquisa de campo, buscou-se elucidar a formação docente dos profissionais atuantes na escola em estudo, o que nos levou a questionar o processo de formação destes profissionais. Para melhor compreensão sobre as práticas deste grupo, desenvolvemos um questionário com questões direcionadas à formação de cada um dos professores. Neste, vamos nos referir aos professores interlocutores como professor 01 - com licenciatura em Língua Portuguesa - e professor 02 - com nível superior incompleto, cursando Pedagogia.

Durante o processo de aplicação do questionário foi possível ter conhecimento das práticas e experiências dos professores que estão inseridos na pesquisa e no intuito de melhor compreender a vida docente desses profissionais, procuramos vivenciar estas experiências de acordo com a nossa realidade profissional e acadêmica, fazendo assim um elo que conecta prática e teoria na nossa atuação como professor do ensino fundamental na rede pública.

Neste contexto, acredita-se que a graduação e a formação continuada são processos complexos para estes professores, que ganha materialidade em múltiplos espaços e atividades, não se resumindo apenas a cursos e treinamentos, mas também na motivação do docente a buscar novos saberes, ultrapassando a fronteira da decodificação dos conteúdos. Esse processo abrange todo o corpo docente e discente em um trabalho coletivo, uma vez que a formação do discente como cidadão deve se congrega às necessidades do processo escolar do ensino aprendizagem, fundamentais na formação do professor e que exige disponibilidade e compromisso.

O contato da formação com a prática educativa faz com que o conhecimento profissional se enriqueça em outros âmbitos, moral e ético, além de permitir que se fomente a análise e a reflexão sobre as práticas educacionais, tentando uma recomposição deliberativa dos esquemas, concepções e crenças que o conhecimento pedagógico tem sobre o ensino e a aprendizagem (MELLO, 2004, p.114). Entende-se que a formação do profissional docente tem início desde o primeiro contato com a sala de aula como professor, isso para nossa realidade pode ocorrer mesmo antes do seu ingresso no curso superior e tem continuidade durante toda sua vida no exercício da prática profissional. Para tal, buscamos traçar o tempo de atuação no magistério dos professores investigados nesta pesquisa, os quais nos apresentaram um tempo significativo na atuação da vida docente.

O professor 01, que ministra aulas de Língua Portuguesa, conta com uma experiência de dezesseis anos na atuação da vida docente. Já o professor 02, com uma vida mais recente nesta área profissional, possui cinco anos de experiência docente. Experiência que estes professores vêm adquirindo muito antes de iniciar a vida acadêmica.

A Lei de Diretrizes e Base 9394/96, no Título VI – Dos profissionais da Educação, em seu parágrafo único diz que: A experiência docente é pré-requisito para o exercício profissional de quaisquer outras funções de magistério, nos termos das normas de cada sistema de ensino (BRZEZINSKI, 2005, p. 261). Acredita-se que a profissão de professor exige de seus profissionais alteração, flexibilidade, imprevisibilidade. Não há modelos ou experiências modelares a serem aplicadas.

No que diz a escolha e formação gestores e professores que atuam nessa modalidade de escola a diretrizes aponta um mesmo caminho, eles devem ser preferencialmente quilombolas e deve ser feito um esforço coletivo entre Instituições de Ensino Superior e Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros para que se proporcionem aos agentes escolares cursos de formação continuada, contando com a participação de anciões, da comunidade e das lideranças do movimento quilombola. E por fim, a última demanda do documento é a criação de uma Licenciatura voltada para Educação Escolar Quilombola.

Uma parte das comunidades já é atendida por profissionais com formação em Educação no Campo, no entanto, isso não é suficiente, já que quilombos guardam particularidades que não estão presentes nos povos do campo, e nem todas se localizam em áreas rurais. A experiência acumulada serve apenas de referência,

nunca de padrão de ações com segurança de sucesso. Assim, o processo de reflexão, tanto individual como coletivo, é a base para a sistematização de princípios norteadores de possíveis ações, e nunca de modelos.

Aos professores, inquirimos sobre os anos de ensino em que atuavam. O professor-01 trabalhava nas séries finais do ensino fundamental, especificamente no 8º e 9º ano. Já o professor-02 disse que trabalhava também com alunos do 8º e 9º ano do ensino fundamental. A escolha de professores dos anos finais, justifica-se pela formação do pedagogo que pode ser gestor escolar, coordenador pedagógico e trabalhar na formação continuada desses professores.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, cabe à escola possibilitar a educação continuada, oriunda de um planejamento sistemático, para os educandos do Ensino Fundamental II (6º ao 9º). Além disso, não se pode visualizar a educação como algo simplista, mas sim como algo que envolva os alunos no meio social, político e histórico do país. Tudo isso, sempre buscando a cidadania, o entendimento dos direitos e deveres de cada um.

Em relação ao planejamento das aulas, o professor-01 respondeu que tem em mãos o plano de curso, “nos planejamos em casa com o aval da coordenadora pedagógica da escola”. Já o professor-02 disse que o planejamento das disciplinas é feito por uma equipe de pedagogos da SEMED que no início do ano letivo direciona o planejamento anual para cada escola fazer a sua adaptação. As respostas indicam que a escola segue o planejamento da Secretaria Municipal de Educação de Curalinho. Entretanto, nenhum deles deixou claro que alterações são e como são construídas.

Nesse sentido é preciso ter clareza de como o currículo é construído. Os dois professores relataram que são construídos a partir do currículo da SEMED, porém são feitas algumas adaptações de acordo com as necessidades locais, além de serem inseridos alguns itens sobre a cultura local dos quilombolas. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para Educação Básica (**ANO**) o currículo deve ser aberto para ser moldado de acordo com o grupo de estudante a que se dirige, contando sempre com os componentes centrais obrigatórios, mas abarcando em seu conjunto componentes flexíveis, pois o currículo deve ser usado em benefício da comunidade escolar.

Sendo assim, o currículo será, conforme Moreira e Silva (2005), um terreno de contestação onde se criará e produzirá cultura, ou seja, espaço de produção e de

política cultural. Nessa vertente, o conflito é fundamental para a mudança social, visto que as visões dominantes que atendem a interesses de uma elite minoritária são postas à crítica, desvendando assim, o processo ideológico.

Para as comunidades quilombolas, esse entendimento se traduz como uma arma para o empoderamento social, pois o currículo que contempla o diálogo entre as culturas contribui para identidades emancipatórias. O currículo deve ainda garantir ao estudante o direito de se apropriar do conceito e história dos quilombos no Brasil, além de conhecer a atuação do movimento quilombola e negro; reconhecer a história e a cultura afro-brasileiras como elementos estruturantes do processo civilizatório nacional.

De acordo com Moura (2011), a escola deve incluir em seu planejamento de acordo com o currículo temas como, a definição de quilombos; a relação dos quilombos com a terra e território, a trajetória da luta pelos direitos dos quilombolas na legislação brasileira; a memória, a oralidade, o trabalho e a cultura.

Ao questionarmos os professores como são construídos os conteúdos a serem trabalhados, responderam que são tirados dos livros didáticos e nas pesquisas feito na internet. Os professores possuem como suporte os livros didáticos e a internet. Através dos livros-texto, as editoras se dedicam a interpretar esses conteúdos “legítimos” e a transferi-los para as salas de aula. Assim, os livros-texto convertem-se em um instrumento decisivo que pretende legitimar uma determinada visão de sociedade, de sua história e cultura (Santomé, 1998, p. 161).

A referência aos livros-texto, na verdade se estende aos demais materiais disponibilizados para as escolas brasileiras, que de forma geral, ignoram as diferenças culturais e regionais existentes, mas ao mesmo tempo usam esse mecanismo como forma de impor uma única história, história essa que sempre valorizou um único grupo, fazendo desse o grupo eterno vencedor. Por fim, entende-se que o material a ser usado na educação quilombola não deva ser apenas o oferecido pelas editoras e sim construído juntamente com a comunidade.

“Historicamente, os quilombos foram lugares educativos da arte de sonhar, de esperar, de tornar possível um mundo cuja referência maior seja a vivência da liberdade, ainda que ela, por muitas vezes, tenha sido vivida ao nível de desejos” (NUNES, 2006, p.154).

Como de direito, estabelecido por lei, o ensino fundamental em comunidades quilombolas hoje deve garantir um conhecimento no espaço escolar articulado com

os saberes tradicionais e as práticas socioculturais das populações quilombolas visando um processo educativo que atenda as especificidades da cultura e da identidade étnico-racial do povo quilombola.

Nesse caso, as práticas educativas em interface com a realidade sociocultural quilombola na Escola Remanescente de Quilombo São José da povoação vem sendo aplicada de forma parcial, pois o seu Currículo não garante a obrigatoriedade do estudo da história e tradição do povo daquele lugar. No entanto, essa cultura que vem sendo silenciada no currículo, ocupa lugar apenas nas datas comemorativas e a participação da escola nos eventos religiosos, todos considerados momentos marcantes para comunidade.

Mas a própria história, costumes e tradições vêm sendo colocada em segundo plano, sendo ocupada pelas culturas globalizadas predominantes. Porque a educação sistemática tem um papel importantíssimo para o resgate e reinsignificação da cultura dos povos tradicionais.

Assim Givânia Silva chama atenção para a necessidade de ouvir as comunidades na organização dos currículos e na construção de metodologias para as aulas, atentando para os significados que os moradores atribuem à educação (SILVA, 2012). Dessa forma o currículo pode ser moldado e tecido para atender a demanda e as necessidades dos indivíduos envolvidos no processo, não diminuindo os elementos essenciais obrigatórios, mas também flexibilizando o conjunto das singularidades exigidas por uma comunidade quilombola.

Questionamos, ainda os professores, sobre que tipo de dificuldades são encontradas no planejamento das aulas e na sua execução. Em suas narrativas disseram que os conteúdos são organizados por sequencias de conteúdos, mas também por eixo temático, levando em consideração as datas comemorativas e os projetos desenvolvidos na escola, dessa forma as dificuldades vêm pela falta de materiais que contemplem os conteúdos exigidos na grade curricular e não são encontrados nos livros que são oferecidos pelo FNDE.

Nas respostas dos professores é notória a dificuldade que têm para encontrar conteúdos nos livros didáticos voltados para a cultura quilombola. Acreditamos que, os aspectos a serem considerados devem ser vistos com muita cautela na elaboração de materiais didáticos, uma vez que estes são elementos chave para a implementação da educação quilombola como Modalidade de Ensino da Educação Básica.

Porém é necessária essa conexão entre conteúdos da base comum e os da base diversificada, onde devem entrar as questões relacionadas à realidade socio cultural, assim os professores enfatizaram que fazem essa ponte por meio dos trabalhos que envolvem as lendas, poesias, danças e músicas que exprimem a cultura local, a qual a coordenação pedagógica da escola deixa bem a vontade para executar os assuntos que mais convém a cultura dos alunos.

Contudo, infere-se que não há a obrigatoriedade dentro do currículo da escola em questão para se trabalhar as peculiaridades da cultura quilombola da comunidade em estudo, porém há um esforço dos professores em adaptar suas aulas conforme as necessidades locais, mas que por sua vez não alcançam o que de fato se espera de um currículo de uma escola com título que carrega e nem garante o respeito à resolução 08/2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.

Art.17 - O Ensino Fundamental, direito humano, social e público subjetivo, aliado à ação educativa da família e da comunidade devem constituir-se em tempo e espaço dos educandos articulado ao direito à identidade étnicoracial, à valorização da diversidade e à igualdade.

§ 1º (...) § 2º O Ensino Fundamental deve garantir aos estudantes quilombolas:

I- A dissociabilidade das práticas educativas do cuidar visando o pleno desenvolvimento da formação humana dos na especificidade dos seus diferentes ciclos de vida.

II-A articulação entre os conhecimentos científicos, os conhecimentos tradicionais e as práticas socioculturais próprias das comunidades quilombolas, num processo educativo dialógico e emancipatório;

III- Um projeto educativo coerente, articulado e integrado, de acordo com os modos de ser e de se desenvolver das crianças e adolescentes quilombolas nos diferentes contextos sociais, a organização escolar em ciclos, séries e outras formas sociais, a organização compreendidas como tempos e espaços independentes e articulados entre si, ao longo dos nove anos de duração do Ensino Fundamental, conforme a Resolução (BRASIL, 2012).

3.3 O ALUNO COMO SUJEITO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DENTRO DA CULTURA QUILOMBOLA

Diante da riqueza cultural, despontada nos capítulos anteriores, seguimos com a discussão, analisando quem são os alunos que compõem esse cenário da comunidade, cujos moradores descendem de escravos, procurando saber como eles recebem essa herança genética e como se identificam diante dessa realidade.

Essas indagações foram o princípio pelo qual se iniciou a pesquisa, cujo meio de investigação se deu através do questionário aberto, bem como a conversa

informal, cujos os interlocutores foram 08 alunos do 9º ano, do turno da tarde, sendo 04 do sexo masculino e 04 do sexo feminino, com faixa etária de idade de 14 à 18 anos, todos matriculados regularmente na escola São José da Povoação. Vale ressaltar que o momento do primeiro encontro se deu em horário de aula, mas que estava ocioso por conta da falta de uma aula, após autorização da direção da escola. Iniciei o diálogo e me identifiquei como aluna pesquisadora da Universidade Federal do Pará - UFPA.

No âmbito escolar, o aluno pode ser compreendido como agente do conhecimento e formador de opinião, haja vista que sem a sua participação como sujeito social no contexto escolar, não há escola. Deste modo, buscamos compreender a importância do aluno no processo educacional.

Em se tratando de uma escola quilombola, inserida em uma comunidade cujo os habitantes são descendentes de escravos, é pertinente ressaltar e observar como esses jovens recebem essa condição, também sob a ótica do aluno, como ele encheria a educação quilombola, enquanto instrumento para construção de uma identidade sólida, assim como para a comunidade a qual está inserida.

Os participantes receberam números para identificá-los e manter a preservação do seu anonimato. Dado todo o processo de apresentação, começamos as perguntas indagando aos alunos se eles se reconheciam como quilombola. O aluno 01 respondeu que sim: “me reconheço como quilombola e a minha pele é morena, e tem muitas pessoas que dizem que não são quilombolas, mas eu sou”. O aluno 02 também disse que sim, que se reconhecia como quilombola justificando: “porque a nossa tradição são daqui da comunidade”.

O aluno 03 respondeu que sim, que se reconhecia como descendente, dizendo que: “eu me reconheço como quilombola, porque se meus avós se consideram eu me considero, pois somos da mesma família e ninguém é diferente”. O aluno 04 também respondeu que sim, respondendo: “eu me reconheço como quilombola, porque a vida dos quilombolas é importante pra mim e pra vocês”. A aluna 05 respondeu que sim, que se reconhecia como quilombola: “porque pela história, fala da nossa origem e da nossa vida”. O aluno 06 respondeu somente “sim”. O aluno 07 respondeu: “sim me reconheço como quilombola”. O aluno 08 disse que “sim sempre me considero como quilombola”.

A partir das respostas dadas pelos alunos, tem-se que 100% se reconhecem como quilombola. É considerado quilombola aquela pessoa que se autodetermina

pertencente a esse grupo. A auto atribuição da identidade quilombola é um processo de reflexão da pessoa que pertence a um grupo historicamente constituído e que reivindica sua identidade como membro desse grupo. É ele o descendente daqueles que construíram, no passado, as comunidades de quilombo. O auto reconhecimento é, portanto, a etapa inicial para auferir o título da propriedade quilombola, conforme dispõe o art. 2º, § 1º do Decreto n. 4.887/2003: “para os fins deste decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante auto definição da própria comunidade” (BRASIL, 2003).

Em seguida indagamos aos entrevistados sobre se para ele o que é ser quilombola. O aluno 01 respondeu que para ele ser “quilombola é se identificar como uma pessoa, de cor e raça diferente dos outros”. O aluno 02 respondeu que “ser quilombola é muito bom, eu gosto de ser quilombola”. O aluno 03 disse que “ser quilombola é respeitar o outro e não ter vergonha de ser o que é”. Já aluno 04 disse que “ser quilombola é a forma da cultura e tradição dos escravos que deixaram pra nós”. A aluna 05 disse que para ela “ser quilombola é tudo aquilo que é a cor da pele, o modo de se vestir e os costumes e tudo que existe na nossa cultura”. O aluno 06 disse que ser quilombola é “ter orgulho do que é”. O aluno 07 disse, por conseguinte que ser quilombola “é ser expectativa, em poder reconhecer que realmente é quilombola neste povoado”. O aluno 08 respondeu que ser quilombola “é ter orgulho de ser quilombola, pois nós somos de escravo”.

Nas falas dos alunos, observa-se que cada um um pensamento próprio a respeito do que realmente é ser quilombola. A identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada cotidianamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do 'eu' coerente (HALL, 2003, p. 12).

Arroyo apud Maroun (2013) fala sobre as questões de identidade nas comunidades quilombolas que:

Grupos como as comunidades quilombolas, ao se afirmarem sujeitos de saberes próprios, de outros processos de aprendizagem, de formação, de conscientização política e cultural, passam a resistir a esse modelo educacional hegemônico predominante, sobre a qual a instituição escolar ainda está fundamentada (ARROYO apud MAROUN, 2013, p.13).

Arroyo apud Maroun (2013) afirma ainda, que isso ocorre porque eles se afirmam por meio suas diferenças e nesse sentido, entendem que ao longo da história de formação da sociedade foram submetidos a relações desiguais de poder/saber/dominação, submetidos à destruição de seu modo de pensar e pensarem-se.

Seguimos questionando o que os alunos almejavam para suas vidas. O aluno 01 respondeu que ele não ia parar com seus estudos, que ia se esforçar para alcançar um estudo na área da saúde, para se manter. O aluno 02, que almejava continuar os estudos e se formar para ser uma grande professora. O aluno 03 respondeu que almejava ser uma professora de inglês, mas que isso só dependeria dela estudar para se tornar uma educadora. O aluno 04 disse que na sua vida pessoal almejava um futuro melhor, por isso queria ser educadora. A aluna 05 disse que queria ser uma engenheira agrônoma e estudar “em universidade UFPA”. O aluno 06 respondeu que almejava ser um professor de história. O aluno 07 respondeu que almejava ser profissional da saúde e ser respeitado. E por fim, aluno 08 disse que desejava ter um trabalho digno.

Diante das respostas apresentadas, se conclui que a maioria dos entrevistados tem a profissão docente como especial, muitos querem a formação para tornarem-se profissionais da educação. Depois vêm a área da saúde e um disse que queria ser engenheiro agrônomo. As respostas evidenciam profissões que estão próximas deles, o que provavelmente podem ter servido como exemplos, seja pela falta ou pela forma como acreditam que essas profissões podem ajudar em seus futuros e da comunidade.

Borges (2001), explica que os motivos que motivam as escolhas das profissões, são decorrentes de um conjunto de fatores externos (envolvimento com a área e com pessoas que fazem parte dela) que, aliados às condições subjetivas do sujeito, formam as conjunturas de vida nas quais se desenvolvem os momentos de escolha. Assim, a escolha profissional é indispensável e, em muitas situações, difícil, pois o processo de escolha é um momento de busca de si mesmo, de crises e questionamentos, no qual o jovem busca uma identidade. A escolha profissional, de acordo com Lassance (1997) é vista como uma técnica multifacetada, composta de determinações individuais, como a auto percepção de interesses, aptidões, valores e traços de personalidade.

No quesito como os alunos avaliam a educação, o aluno 01 respondeu que

queria que tivesse uma educação melhor, porque se houver mais educação no nosso Brasil, significa ter mais saúde, e tendo saúde a educação fica melhor. O aluno 02 disse que ele avaliava que a educação estava “sendo muito boa”. O aluno 03 respondeu que avaliava ser muito boa a educação, pois ela havia aprendido a ser educada e “tratar todo mundo com educação”. O aluno 04 disse que a educação dela é boa, pois tinha bons professores. A aluna 05 afirmou que a sua educação era ótima, pois sem a educação não chegaria a nenhum lugar. O aluno 06 avaliou que a educação era muito boa. O aluno 07 respondeu que a educação estava sendo muito boa. E por último o aluno 08 respondeu que avaliava a educação na sua comunidade ser muito boa, porque estavam aprendendo.

As respostas de todos os alunos foi que a educação na escola frequentada por eles é muito boa, entretanto, não aprofundamos o sentido do que é bom, de que aprendizagens estavam falando. Pois também não sabemos até que ponto os alunos enquanto alunos de uma escola quilombola, têm consciência da importância de uma educação que preze pela prática cultural do seu povo, que por meios de suas ações educativas engrandeça suas memórias e tradições. De acordo com Freire, apud Schram (2018, p. 3) uma boa educação, é aquela que:

[...] acreditamos no professor capaz de coordenar a ação educativa; no educando como agente sujeito participante; na escola como currículo de cultura; e na sala de aula como espaço de diálogo. É em função desses pressupostos que queremos participar das reflexões para a construção da escola que oferece uma educação em que as pessoas vão se completando ao longo da vida, uma educação capaz de ouvir as pessoas, participando dessa realidade, discutindo-a, e colocando como perspectiva a possibilidade de mudar essa realidade (SCHRAM, 2018, p.03).

Para isso muitos estudiosos e militantes da luta pelos povos tradicionais e pelos direitos da população negra do Brasil, vem reivindicando por uma educação emancipadora para as comunidades quilombolas. Assim a Educação Escolar Quilombola foi contemplada recentemente por uma documentação específica, constituída por diretrizes curriculares nos níveis municipais, estaduais, e, também, no nível nacional, tendo sido esta última homologada em novembro de 2012. De acordo com o documento:

A Educação Escolar Quilombola organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais, fundamentando-se, informando-se e alimentando-se de memória coletiva, línguas reminiscentes, marcos civilizatórios, práticas culturais, acervos e repertórios orais, festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país (BRASIL, 2012, p. 296).

Nesse sentido o documento existe e garante esses direitos de uma educação cujo currículo seja tecido pela comunidade escolar, atendendo as suas necessidades e seus anseios, mas há uma distancia entre o existir e o fazer cumprir desse direitos. Antes de tudo é necessário que essa comunidade escolar conheça, principalmente o aluno, afim de que possa cobrar e gozar dos benefícios que a Lei proporciona e possibilita para sua vida estudantil.

Indagarmos os alunos sobre que tipo de educação eles desejariam ter. O aluno 01 disse que queria que tivesse na sua escola com mais respeito com os professores. A aluna 02 afirmou que desejava que tivesse uma educação de qualidade para então ela ser uma professora. O aluno 03 respondeu que desejava que a educação fosse melhor, e que um dia ele pudesse se formar e ensinar com uma educação de qualidade. O aluno 04 disse que desejaria ter uma educação melhor do que aqui temos. A aluna 05 afirmou que ela queria uma educação melhor onde se tivesse mais qualidade e que respeitassem a nossa educação. O aluno 06 afirmou que para ele estava bom esta educação e não precisaria mudar. O aluno 07 respondeu que ele queria uma melhor educação. E por fim o aluno 08 respondeu que queria que houvesse mais tecnologia de computação na sua escola.

A maioria dos alunos respondeu que deseja uma educação de qualidade e apenas um respondeu que deseja que houvesse mais tecnologia em sua escola o que não deixa de ser um componente para a qualificação da educação. Nesse sentido, entendemos que de fato, os alunos resmanescentes de quilombo da escola São José da povoação, entendem que a escola boa é aquela que oferece e garante uma educação que os encorajem a mudar a realidade sofrida do seu povo que os icentivem a lutar por seus direitos e não aquela que ensine apenas as disciplinas obrigatórias no currículo, um ensino homogêneo com poucos significados críticos para sua cultura e tradições.

Acreditamos que o papel da escola vai bem além das avaliações e atribuições. Só que não podemos esquecer que a educação tem como função principal facilitar o mundo do conhecimento. O uso das tecnologias, como aponta um dos nossos alunos entrevistados, é uma forma bastante eficaz e facilitadora para que esse aluno interaja com outras pessoas e culturas, uma possibilidade. Como nos aponta Assmann (2000, p. 07):

As novas tecnologias não substituirão o/a professor/a, nem diminuirão o esforço disciplinado do estudo. Elas, porém, ajudam a intensificar o pensamento complexo, interativo e transversal, criando novas chances para a sensibilidade solidária no interior das próprias formas do conhecimento.[...] As novas tecnologias da informação e da comunicação já não são meros instrumentos no sentido técnico tradicional, mas feixes de propriedades ativas. São algo tecnologicamente novo e diferente. As tecnologias tradicionais serviam como instrumentos para aumentar o alcance dos sentidos (braço, visão, movimento etc.). As novas tecnologias ampliam o potencial cognitivo do ser humano (seu cérebro/mente) e possibilitam mixagens cognitivas complexas e cooperativas. Uma quantidade imensa de insumos informativos está à disposição nas redes (entre as quais ainda sobressai a Internet). Um grande número de agentes cognitivos humanos pode interligar-se em um mesmo processo de construção de conhecimentos. E os próprios sistemas interagentes artificiais se transformaram em máquinas cooperativas, com as quais podemos estabelecer parcerias na pesquisa e no aviamento de experiências de aprendizagem (ASSMANN, 2000, p. 07 - 09).

A tarefa de avançar rapidamente a qualidade da Educação é urgente e está em duas principais frentes: universalizar a aprendizagem para todos os alunos (qualidade com equidade), em escolas que respeitam e acolhem a diversidade, celebram as diferenças em todas as suas dimensões, promovem o pensamento e debate crítico sem cerceamento do contraditório e de visões múltiplas. Por isso, alcançar uma educação de qualidade implica na análise de muitos e diferentes fatores. Talvez, por este motivo, haja algumas controvérsias quando pretendemos definir o que pode ser, afinal, considerado um ensino de qualidade.

A última pergunta versava sobre o que os alunos acrescentariam como disciplina obrigatória no currículo da escola. O aluno 01 respondeu que queria que tivessem na escola uma língua estrangeira como francês. O aluno 02 afirmou gostaria que ensinassem realmente a nossa cultura. O aluno 03 disse que ele acrescentaria o ensino do espanhol, para que todos os alunos pudessem aprender outra língua. O aluno 04 afirmou que ele acrescentaria uma disciplina diferente que falassem de nós os quilombolas. A aluna 05 disse que ela queria que tivesse aula de espanhol. O aluno 06 respondeu que acrescentaria o espanhol. Assim como o aluno 07 que também disse queria o espanhol. E por fim o aluno 08 disse que queria no seu currículo o espanhol e italiano.

Nas falas dos alunos a maioria deseja que acrescentasse o ensino de língua estrangeira (espanhol, italiano e francês), sendo que a minoria deseja que se insira no currículo escolar uma disciplina voltada para a sua cultura, o que estamos de acordo com os objetivos que a escola tem. A importância do currículo escolar no meio educacional, social e cultural, sendo o currículo, um conjunto benéfico de

saberes/conhecimentos, os quais devem ser analisados eticamente no contexto escolar, como também, a influência do currículo na concretização de objetivos no ensino-aprendizagem dos discentes.

É necessário que a escola, juntamente com os professores/educadores, pais e a comunidade escolar em geral, sejam capazes de refletir, analisar, compreender e verificar, que o currículo escolar é um elemento de suma importância no âmbito escolar e no planejamento concreto das atividades elaboradas pelo professor/educador. Nesse sentido questionamos? Por que esses alunos têm interesse em conhecer outras línguas? De onde vem esse desejo? O que eles conhecem de outros países? E sobre a sua cultura. É possível inferir que querem conhecer mais, que sentem necessidade de saber para além do que sabem do cotidiano sobre suas histórias e as histórias de seu povo.

Sobre a discussão do papel da cultura dos grupos tradicionais na composição do seu próprio currículo escolar Maroun (2013) afirma que quando se:

Passa a compreender que uma “escola quilombola” se fundamenta num processo de construção coletiva, algo que seja pensado pela própria comunidade, ainda que em parceria com a escola. Tal modelo educacional aponta para, dentre outras coisas, a contemplação e legitimação tanto dos seus saberes tradicionais, como de suas pedagogias próprias. (MAROUN, 2013, p. 11).

Ainda segundo Maroun (2013) nesta perspectiva, eles fazem uma crítica aos saberes legitimados pela escola, as suas práticas descontextualizadas da realidade local e de suas lutas fundiárias, ao racismo ainda presente no contexto escolar, às incipientes políticas públicas que reconheçam, reparem, e garantam o direito das comunidades ao trabalho e a uma educação voltada para suas especificidades. Lutam por uma escola que seja de fato, do quilombo e, não, no quilombo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de traçar algumas considerações finais, atrevo-me a dizer que o desenvolvimento deste trabalho, muito mais que um produto acadêmico, foi para mim um significativo processo de aprendizagem pessoal. A convivência com os quilombolas da comunidade São José da Povoação, sem dúvida alguma, modificou minha forma de conceber a educação, assim como me permitiu enxergar um pouco mais do mundo visto por aquele olhar, olhar este completamente diferenciado do

meu.

Vivi experiências fundamentalmente educativas junto a Idosas e Idosos, jovens e crianças, homens e mulheres, que me receberam em suas casas, me ofereceram sua comida, ataram minha rede e me permitiram conviver com suas famílias, sendo que em alguns casos, não tinham domínio da escrita e da leitura, mas que, nem por isso, eram menos mestres que muitos mestres formados em academias.

Com a riqueza cultural ao qual me deparei e mais o material bibliográfico ao qual tive acesso, me possibilitou compreender e analisar toda a conjuntura pela qual os amaranhados de questões estavam expostas para compreendermos a comunidade relevando cada detalhe de sua história, cultura, tradição, religiosidade, problemática e, não menos relevante, mas muito importante, a comunidade escolar e o processo de ensino e aprendizagem.

Aprender para vida, formar cidadãos conscientes e críticos, ensinar como uma troca mútua de saberes, são expressões bastante utilizadas pelos estudiosos em educação da atualidade. No entanto, esse modelo de educação emancipador está bastante distante da realidade das escolas públicas do município de Curalinho, a quais tive a oportunidade de trabalhar, estagiar, pesquisar, inclusive a Escola M. E.

F. Remanescentes de Quilombo São José da Povoação, apesar de ser titularizada como uma escola quilombola, ainda utiliza o modelo educacional hegemônico predominante nas escolas comuns, desconsiderando o elemento chave para formação do ser humano, que é a sua cultura, sua história e tradições.

Não podemos desconsiderar que se tenha dentro das atividades, esta escola, práticas educativas que enfoque as lendas, as danças e ritmos, as histórias dos primeiros escravos. Porém faltam elementos para que a educação escolar da escola se caracterize como de fato uma escola quilombola, a obrigatoriedade o estudo da cultura quilombola São José da povoação, dentro do currículo.

Observa-se, ainda que há uma resistência por grande parte dos alunos, professores oriundos da comunidade, até mesmo por membros da comunidade, para que suas tradições e cultura prevaleça diante das imposições de um sistema dominador. O que para Arroyo (2012) é reflexo do que a sociedade os submeteu ao longo de suas histórias.

Observando a potencialidade do problema aqui abordado, ratificamos a importância da presente pesquisa, no contexto social, cultural, acadêmica e

profissional, pois entre tantos aspectos, é preciso considerar que o número de alunos atuantes no ensino fundamental da Comunidade São José da Povoação está aumentando, e que boa parte esta sociedade ainda precisa enfrentar estereótipos, isto porque ser quilombola numa sociedade racista, desigual e preconceituosa não é uma tarefa fácil, porém a maioria dos alunos se autoidentificam como quilombola, na escola quase que 100% dos alunos são oriundos da comunidade. Contudo os resultados dos estudos indicam a necessidade de uma educação mais efetiva que contribua para o desenvolvimento dessa identidade, valorizando a cultura negra, dignificando a história de luta e resistência dos seus antepassados, que foram escravos cativos. Uma educação que contribua para o desenvolvimento sustentável da comunidade, pelo qual os estudantes construam uma imagem positiva e consciente do ser quilombo, da comunidade Remanescente de quilombo São José da Povoação.

O que se tem a fazer é um esforço em se debruçar a estudar as políticas educacionais voltadas para as escolas quilombolas, por meio das formações continuadas, a fim de repensar o modelo educacional vigente na escola, sair da zona de conforto e assim traçar um currículo com a participação efetiva de toda comunidade escolar, atendendo os seus anseios e necessidades, valorizando o empirismo, a cultura, a história, as tradições e assim, buscar desenvolver práticas pedagógicas e alternativas para uma educação que parta do micro para o macro, ou seja, com um olhar de dentro para fora da comunidade, a fim de consolidar a identidade dos alunos e valorizar as identidades de toda comunidade.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ASSMANN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a02v29n2.pdf>. Acesso em: 04/12/2020.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. Brasília, DF, 2012.

BRASIL. **Guia de Políticas Públicas para Comunidades Quilombolas**, Programa Brasil Quilombola, Brasília 2013.

CHIZZOTTI, Antonio. O cotidiano e as pesquisas em educação. *In*: FAZENDA, Ivani (Org.). **Novos enfoques da pesquisa educacional**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural**. Editora da Universidade Federal do Maranhão; São Luís: FAPEMA, 1995, p 183.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro - 11. ed., 1. reimp. - Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

MAROUN, Kalyla *et.al.* **Educação escolar quilombola: diálogos e interfaces entre experiências locais e a institucionalização de uma nova modalidade de educação no Brasil**. 36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO

MINAYO, M.C.de S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. (12ª edição). São Paulo: 2007.

MAROUN, Kalyla. **Jongo e Educação: a construção de uma identidade quilombola a partir de saberes étnico-cultural do corpo**. Tese (Doutorado em Educação) – Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MUNANGA, Kabengele - **“A educação colabora para a perpetuação do racismo”** Carta Capital Entrevista, 2012 p 03.

MUNANGA, Kabengele. **Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania**. Palestra proferida no Primeiro Seminário de Formação Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

MUNANGA, Kabengele. **O Negro no Brasil de Hoje**: São Paulo: Global, 2006.

MUNANGA, Kambegele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada, 2005.

NUNES, Georgina Helena. **Educação Quilombola- Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico- Raciais-** Brasília, 2006.

OLIVEIRA, Iris Verena. Ser quilombola: práticas curriculares em educação do campo- **Rev. FAEEBA**. Ed. e Contemp., Salvador, v. 26, n. 49, p. 139-154, maio/ago. 2017.

PACHECO, Agenor Sarraf. Religiosidade afroindígena e natureza na Amazônia. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 11, n. 30, p. 476-508, abr./jun. 2013.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Nas Veredas da Sobrevivência:** memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos. Belém: Ed. Paka-Tatu, 2004.

RIBEIRO, Matilde. **Dossiê 120 anos da abolição:** Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização Estudos Feministas Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

SANTANA, Bianca. **Vozes insurgentes de mulheres negras.** Belo Horizonte : Mazza Edições, 2019, p. 14.

SANTOS, urandir dos. **História oral, fontes documentais e narrativas como recursos metodológicos na educação.** Trabalho publicado no Portal Programa Rede Social SENAC, São Paulo, 5 nov, 2008.

SCHRAM, Sandra Cristina & CARVALHO, Marco Antonio Batista. **O PENSAR EDUCAÇÃO EM PAULO FREIRE: Para uma Pedagogia de mudanças.** Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>. Acesso: 02/10/2020.

SILVA, Tomaz Tadeu. **O currículo com fetiche: a poética e a política do texto curricular-** 3 ed. Belo Horizonte, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Panorama do Segundo Império.** Rio de Janeiro: Ed. Graphia, 1998.